

7226  
A GRANDE GUERRA



A BATALHA DO LYS

A BATALHA  
D'ARMENTIÈRES

OU

o 9 de Abril

2.º MILHAR

MUNICIPAIS DE LISBOA

00)"1914/18"/

FERREIRA DO AMARAL

MAJOR D'INFANTARIA

7226



34(100) "1914/18"

АПА



OFFERTA - 31 JAN. 2001

61

7226

**A GRANDE GUERRA**

**A BATALHA DO LYS**  
**A BATALHA D'ARMENTIÈRES**  
**OU**  
**O 9 DE ABRIL**

POR

**FERREIRA DO AMARAL**

Major d'Infanteria

140253

16545



LISBOA

TIPOGRAFIA DO COMERCIO

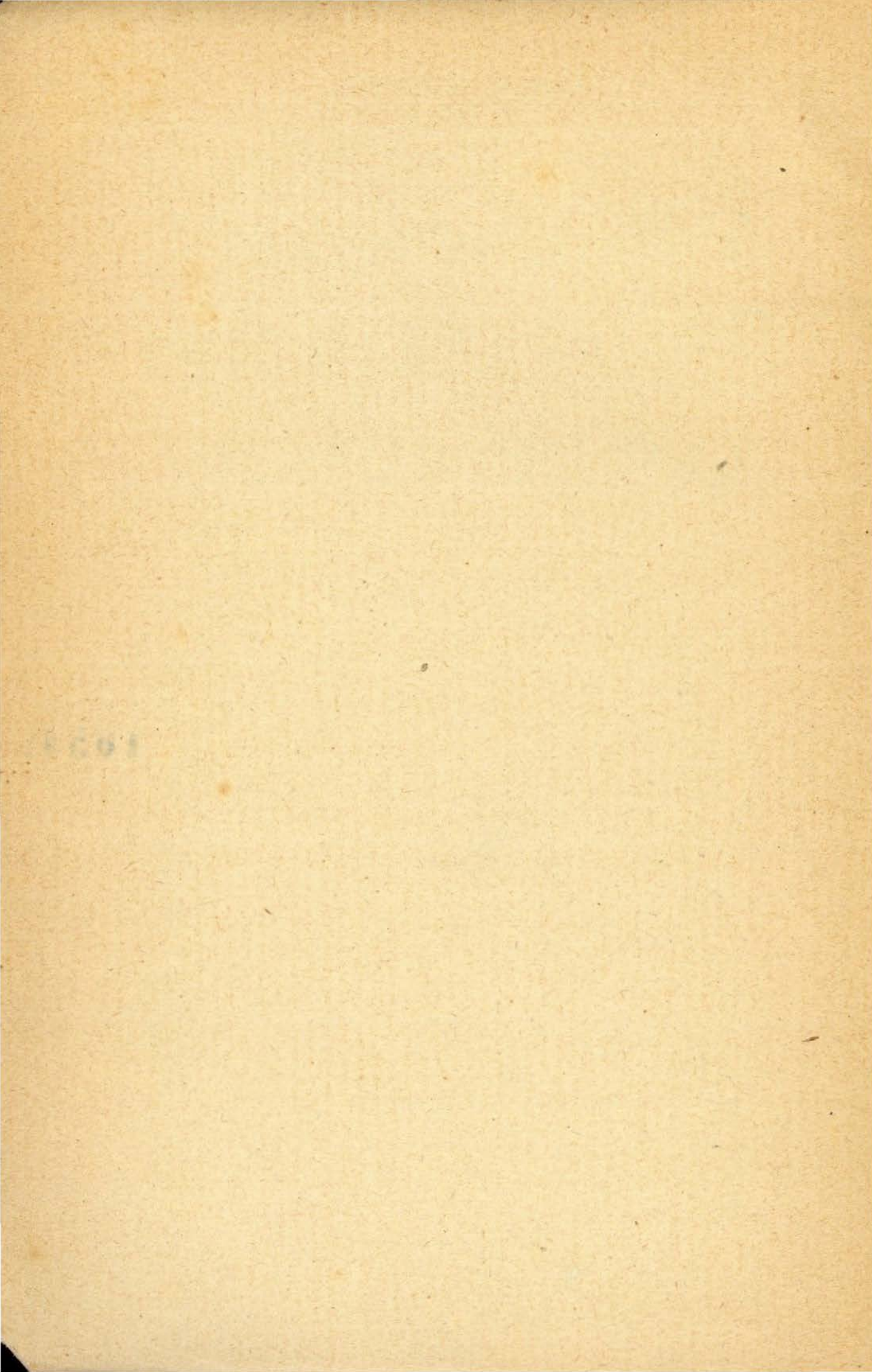
R. da Oliveira, ao Carmo, 8

1923

34 (100) "1914/18"

355.48 (469) "1918"







## EXPLICAÇÃO PRÉVIA

---

Este simples relato foi escripto em 1920 em Benguela, afim de ser publicado em Folhetim no «Jornal de Benguela».

Fez depois o referido jornal uma separata de 1.000 exemplares, que foi posto á venda e cujo producto liquido reverteu a favor dos Mutilados da Guerra, por expontanea deliberação da redacção do mesmo periodico.

Posto á venda exgotou-se rapidamente em Angola.

Raros exemplares chegaram á metropole.

Uma carta do general Gomes da Costa, que em seguida transcrevo, e o successo que o primeiro milhar teve ao sair a publico tentam-me a fazer uma nova edição.

De resto, mal ou bem escripto, nunca será demais marcar factos que tão deturpados teem sido pela *confusão politica*, que sobre tudo o que respeito diz á nossa participação na Guerra, se tem dito e escripto.

Acresce ainda o facto, de todo o relato do «9 de Abril» se apoiar sobre afirmações de uma testemunha insuspeita, como é o general alemão Erick Ludendorff.

O «9 de Abril» não é pois um trabalho technico, e muito menos, uma opinião minha.

E' apenas um vulgarissimo trabalho de compilação e sobre tudo um relato de pessoas, logares, factos e datas, que a actual geração portuguesa não póde nem deve ignorar.

Uma preocupação tive ao escrever o «9 de Abril».

Foi a de apresentar os factos sem paixão, collocando-me tanto quanto possivel como arbitro, do que sobre o que se passou em 9 de Abril de 1918, escreveram e publicaram dois generaes.

Segue a carta que o general Gomes da Costa dirigiu ao autor quando teve conhecimento da publicação do folhetim.

O autor não pediu autorisação ao bravo general, para trazer a publico a referida carta, mas a sua publicação na integra é um documento interessante e por isso o bravo soldado da India, Moçambique, Angola e França, relevará decerto uma inconveniencia praticada por um seu discipulo, que muito o admira.

O AUTOR.







## UMA CARTA DO GENERAL GOMES DA COSTA

---

*Bandido !*

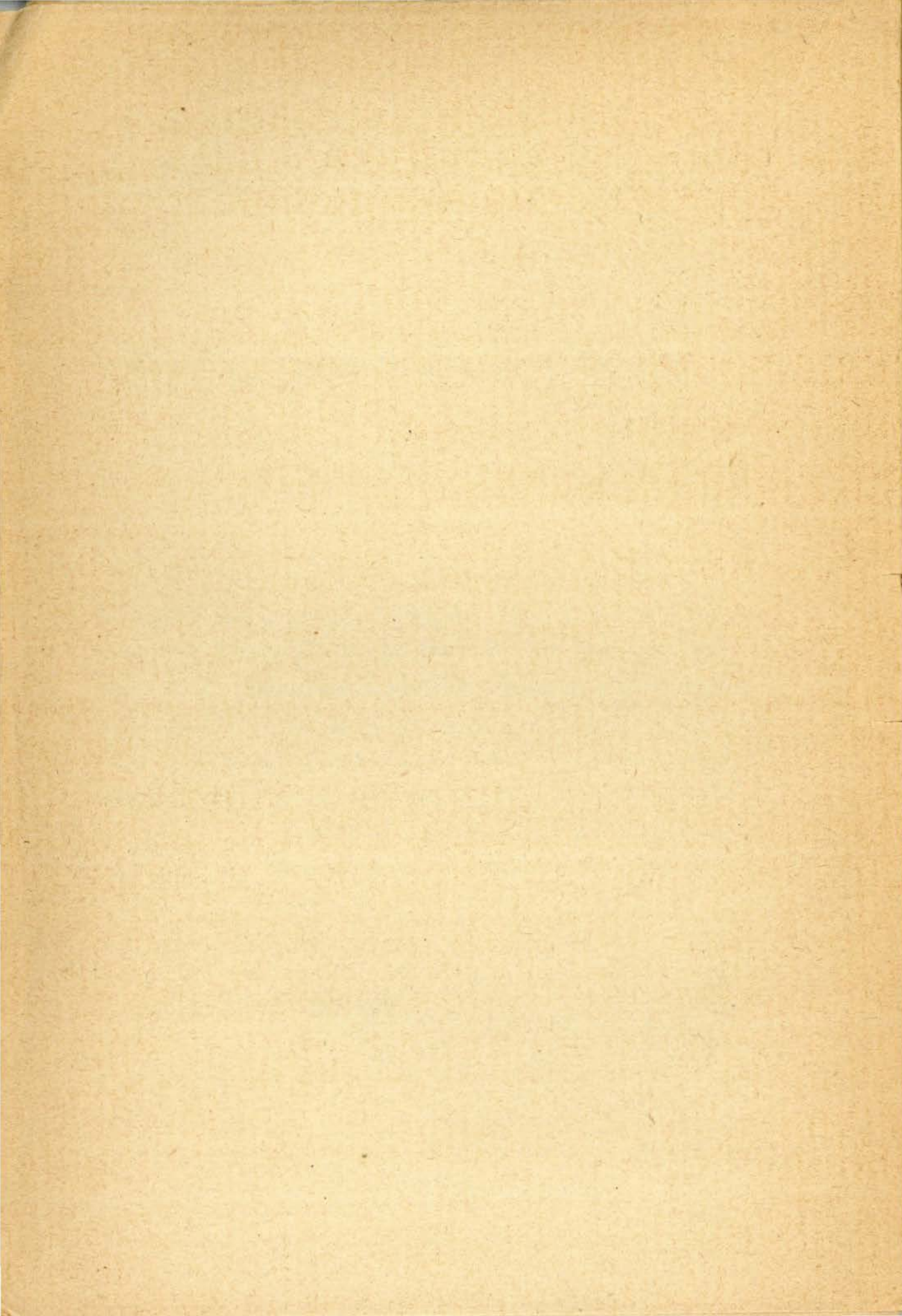
*O Ivo Ferreira mandou-me o teu livro.*

*Tu não mandaste porque és um gajo reles. Apesar disso agradeço as boas palavras com que nele me trataste e sobretudo a forma elevada e inteligente como viste tudo bem. A comparação dos dois textos é admirável e poupou-me o trabalho que estava para emprehender de o fazer. Vou mandar publicar em jornais, algumas cousas do teu livro para que o apreciem.*

*Muito obrigado pois, e um abraço do teu amigo*

*Gomes da Costa.*









## **“O 9 de Abril” e a nossa política da guerra.**

Como é do conhecimento de todos, ninguém em Portugal chegou até hoje a ter uma noção aproximada do que foi *O 9 de Abril*.

Ao fazer esta afirmativa, refiro-me aos leigos em assuntos militares, como o é a massa da população e até áquelles que tendo estado em França e nas linhas, não tiveram ocasião de apreciar com documentos *idoneos*, o papel do nosso exército, nesse dia de 9 d’Abril de 1918.

Toda a política do meu país, dos últimos seis anos, *caiu* sôbre os soldados de Portugal, que na Flandres receberam um dos muitos e varios ataques, com que os alemães procuraram vencer os aliados.

O periodo da guerra que, para a Alemanha, constituiu a sua última ofensiva no «front occidental», começou em 21 de Março de 1918 e prolongou-se, sem interrupção sensível, por toda a primavera dêsse ano, numa série de batalhas e avanços correspondentes, até 18 de Julho, dia em que começou a contra-ofensiva dos aliados.

De facto, começando as tropas alemãs, em 15 de Julho de 1918, pela manhã, a passar o Marne, num avanço que Ludendorff classifica de brilhante; na madrugada de 18, as tropas alemãs, não só detêm o seu



avanço, mas começam a perder terreno. Daí em diante o resto da campanha foi uma derrota sucessiva para o exercito alemão, assistindo, desde essa data, o general Ludendorff, seu Quartel Mestre General, ao desabar de todos os seus sonhos!

O general Ludendorff, entre as várias decisões de ordem tecnica que tomou, deliberou, em seguida ao ataque de 21 de Março, lançado contra Amiens, lançar outro contra Calais e Boulogne, marcando o dia 9 de Abril para o seu início, como podia ter marcado o dia 8, o dia 10, ou qualquer outro do mês d'Abril.

A 2.<sup>a</sup> Divisão portuguesa, estava nesse dia guarnecendo a frente que cortava o caminho que Ludendorff necessitava ter livre, para se aproximar de Calais e Boulogne.

Dahí o éle ter, inevitavelmente, que vir ás mãos com os Portugueses!

Dadas estas condições, começou a abrir caminho a tiros de artilharia pelas 4 horas e meia da manhã desse dia; pelas 8 horas da manhã, entendeu que já era azado mandar avançar a sua infantaria; ás dez horas e meia alcançava essa infantaria algumas baterias da nossa artilharia de campanha na nossa esquerda e, ás onze horas e meia da manhã, tinha o inimigo conseguido matar, varrer e aprisionar, uns milhares de portugueses, que não o queriam deixar efectuar as suas decisões.

Para isso entendeu e *muito bem*, que tendo pela frente uma divisão, devia lançar contra ela oito divisões, sem se importar se era de portugueses, se era forte ou fraca, se estava nas linhas com ou sem vontade, se estava cansada ou não. Foi assim que esmagou os portugueses.

Fez o que manda a cartilha da guerra moderna, que preceitua a quem ataca, fazê-lo na proporção de oito contra um.

Ha nisto alguma cousa de extraordinário?

Os senhores politicos, com a maior *impolitica*,



começaram a acusar-se mutuamente de responsáveis pelo que se passou, nos pantanos da Flandres, no dia 9 de Abril de 1918, esquecendo-se todos êles de que o general alemão Ludendorff não consultou nenhum dos partidos politicos de Portugal para tomar a deliberação de forçar o caminho de Calais, nesse dia; e que também não explicou a nenhum politico do nosso paiz, porque é que não deliberou atacar êsse ponto da frente aliada, antes ou depois de 9 de Abril de 1918!

Os politicos denominados «*democraticos*» vomitam pragas contra os chamados «*sidonistas*», acusando-os de responsáveis pelo *desastre* de 9 de Abril, o que nos leva a concluir que estão convencidos, ou que sabem de fonte segura, que os «*sidonistas*» pediram ao general alemão a *finesa* de atacar os portugueses, *sem falta*, nesse dia!

Em revindita, os «*sidonistas*» despejam sôbre os «*democraticos*» as maiores diatribes, tornando-os responsáveis pelo *desastre* de 9 de Abril: e dêste modo, devemos ou podemos concluir que os «*sidonistas*» possuem documentos, em que provarão, a seu tempo, que o govêrno que mandou as tropas para o «*Front*» ocidental, empregou todos os esforços para que os portugueses fossem colocados num sector, que de antemão se sabia dever ser atacado no dia 9 de Abril de 1918!

Ambos os adversarios chamam «*DESASTRE*» ao que se passou nesse dia com os portugueses, que procuraram evitar o avanço alemão até onde o seu máximo esforço o permitia.

E' caso para notar uma falta que ambos os partidos cometeram, para se poderem acusar mutuamente; foi o não terem enviado *a tempo*, delegados especiaes para assistirem ao «*DESASTRE!*»

Mas ha mais; em começos de 1920, apareceram pelas livrarias duas brochuras, que se referem, com certos detalhes, ao 9 de Abril.

Uma é a tradução francesa duma obra escrita pelo



General Alemão Erick Ludendorff, devida ao General Buat, do Estado Maior Francês do Marechal Foch.

A outra brochura que appareceu, foi um volume de 260 paginas, com o titulo de «A Batalha do Lys», da autoria do General Português Gomes da Costa.

Comparando o que cada uma diz, vê-se que ha muitos pontos de contacto nas referencias de ordem tecnica, tendo em linha de conta o papel de cada um dos generaes na batalha, durante aquele dia.

De facto, o General Gomes da Costa comandando uma simples divisão, refere detalhes, que não constituem preocupações de um General que exerce funções tão altas como as que exercia o General Ludendorff.

Porém, o General alemão nos seus «*Souvenirs de Guerre*», e o General português na sua «*Batalha do Lys*», não acham que nesse dia houvesse «DESASTRE» para os portugueses; antes são concordes em que tudo correu com a normalidade com que costumam decorrer as cousas da guerra em dias de combates!

E' curioso ir comparando o que escrevem ambos, sem se conhecerem, nem sequer *de vista*!

E' mesmo natural que os politicos, em Portugal, acabem por convencer-se de que têm insuficiencia moral, mental e profissional, para classificarem o procedimento dos soldados que tomaram parte na batalha do Lys, assunto que só a estes pertence explanar, não podendo constituir materia para abelhudos e ociosos, a quem a paixão pessoal, a ausência de corpo e a incompetência na arte ou ciencia da guerra, tiram toda a autoridade. Mesmo entre militares, de ha muito é axiomático que, sendo politicos apaixonados e de profissão, não passam de *Soldados mediocres*.

O brio militar e o prestigio necessarios ao comando de tropas, são incompativeis com a profissão de politico em qualquer país e Portugal não pode reservar-se o privilegio de ser excepção á regra; de onde se vê que o «9 de Abril» não pode constituir *prato do dia* para os abelhudos que *respiram* só politica.



## A ofensiva alemã da primavera de 1918

O «9 de Abril» pertence só aos soldados que nesse dia se bateram na Flandres e as suas mais insuspeitas testemunhas são os dois Generaes, que vamos ouvir alternadamente :

LUDENDORFF

(Pag. 204 e 205)

Conferenciei com os comandantes dos grupos d'exercitos e com os officiaes do meu Estado Maior, afim de assentar e escolher a frente d'ataque e tomei nota cuidadosamente das suas opiniões e maneiras de vêr.

Três sectores se apresentavam para atacar o inimigo ; um, ao norte, na Flandres, d'Ypres a Lens ; outro, no centro entre Arrás e Saint Quentin, ou La Fère ; ainda outro ao sul de um e outro lado de Verdun, pondo de parte a zona dos fortes. Como succede em circumstâncias identicas, cada uma das três soluções tinha as suas vantagens e os seus inconvenientes.

.....  
Para um ataque no sector ao norte (Ypres a Lens) o terreno era o vale da ribeira de La Lys o oeste de Lille, *onde se devia pronunciar o ataque principal* (1), não era praticavel, senão em certas epochas do ano e com bom tempo ; antes dos meados de Abril, não era possivel o transito fóra dos caminhos e estradas.

.....  
Estrategicamente o ataque no sector do norte, oferecia enormes vantagens, porque permitia atingir um objectivo que era ao mesmo tempo de grande valor. Este ataque permitia obter do inimigo um recuo notavel do seu «front» se conseguisse tomar Calais e Boulogne.

.....  
Tomei a resolução de atacar o sector do centro entre Arrás e Saint-Quentin, com um ataque parcial ao sul de La Fère.

---

(1) O sublinhado é nosso, afim de chamar a atenção do leitor para este promenor de ordem tecnica que nada tem com o facto de *ai estarem ou não os portugueses.*



GOMES DA COSTA

(Pag. 55)

Entalado entre os canais de Merville-Estaires ao norte e o de La Bassée ao sul, que se reuniam no Oise, a situação do Corpo Português, num caso de retirada, estava seriamente comprometida, sobretudo porque nesse espaço restrito teriam que se mover todos os transportes para a evacuação dos depositos de material, subsistencias e hospitais acumulados demasiado á frente e sob a barragem eficaz da artilharia inimiga, que tinha perfeitamente referenciadas todas as estradas, crusamentos e pontes.

O terreno que o Corpo Português cobria, era plano, argiloso, com um lençol de agua a alguns centímetros abaixo da superficie, o que obrigava a construir todos os entrincheiramentos em relevo, com sacos cheios de terra e de areia; descia suavemente cortado em todas as direcções por inumeros drenos, que se dirigiam á Ribeira de Lawe afluente de LA LYS (1).

No verão, o calor era asfixiante, a atmosfera sempre carregada de poeiras; no inverno os homens atascavam-se em lama até aos joelhos.

Como se vê, ha concordancia nas opiniões dos dois generais, sobre a natureza do terreno que serviu de campo de lucta entre alemães e portugueses no dia 9 de Abril de 1918.

Como se vê, foi a natureza alagada e pantanosa do terreno, que levou Ludendorff a reservar para meados de abril o ataque sobre o sector de Flandres, que está entre Ypres e Lens.

Vê-se qual o objectivo, que era a tomada de Calais e Boulogne, depois de obter como objectivo primeiro, o recuo dos aliados nesse ponto.

Necessario pois se torna, varrer do campo de quaisquer discussões, o facto dos alemães terem atacado esse ponto, porque lá estavam os portugueses!

Se lá estivessem chinezes, polacos, mexicanos, suissos, espanhoes ou dinamarqueses, seriam atacados da mesma maneira e á mesma hora desse dia 9 de abril.

---

(1) Como se vê a posição alemã era dominante, os portugueses, estavam n'uma cova com uma ribeira á rectaguarda.



Chega a tornar-se um tanto ridicula a ideia, que em Portugal se propalou, de que os alemães atacaram esse ponto do «front» porque lá estavam os Portugueses.

O general Ludendorff a preparar ataques especiais para portugueses que lá tinham uma simples divisão, só lembra a pobres diabos que já não teem que dizer sobre o assunto.

## **Batalha d'Amiens**

*(Março de 1918)*

Vejamos o que ambos os generais dizem da batalha contra Amiens, ou seja o primeiro ataque de offensiva de 1918, e de que o 9 de abril foi o segundo ataque.

LUDENDORFF

*(Pag. 208, 212, 214, 216, 218, 221)*

Desde comêços de Fevereiro, que nós fixáramos o dia 21 de Março, para o ataque...

.....  
No dia 20 ao meio dia, o Alto Comando, teve que resolver se seria conveniente iniciar o ataque em 21, ou adiá-lo.

.....  
Em 21 de Março pelas 4 horas da manhã, a batalha começou por um violento fogo de artilharia, sobre uma frente de 70 kilometros entre Croisilles e La Fére.

.....  
A batalha terminou em 4 de Abril, representando um alto feito de armas, e a historia universal registará esse facto. Tinhamos conseguido fazer numa batalha, o que Ingleses e Franceses, nunca até então tinham conseguido, notando-se que estavamos no quarto ano de guerra!

.....  
Tinhamos sofrido perdas consideraveis, porque a lucta que sustentamos, foi travada dispondo de fortes efectivos e por um largo periodo. A percentagem das perdas foi importante, sobretudo para o 17.º Exercito, onde as perdas em officiais atingiram um numero elevado. Mas em compensação, não só obtivemos enorme vantagens, mas ainda fizemos cerca de 90.000 prisioneiros sem ferimento algum.

Além disso o inimigo tinha sofrido uma sangria pavorosa!



GOMES DA COSTA

(Pag. 119 — 173)

O sumário de informações do 1.º Exército Britânico, começa a dar nota dos preparativos inimigos a 19 de Março, data a partir da qual o movimento de tropas se acentua.

A transferencia do 3.º corpo alemão, para o norte do Scarpa, e o desusado movimento de comboios para o sul, levou o Comando Britânico a supôr que o objectivo alemão, seria Vimy e a região mineira adjacente.

.....  
...tropas em muito superiores condições de resistencia como as inglesas cederam, a 21 de Março, na frente La Fère-Vermelles, sob a pressão alemã, 60 kilometros de frente e outros tantos de profundidade.

E' bom acrescentar, para fixar ideias, que este ataque foi efectuado sobre o V Exército Britânico, que occupava a extrema ala direita do exército inglês.

A' direita destas forças, estava o exército Francês.

Portanto, o ataque alemão de 21 de Março, foi feito no ponto de junção dos dois exércitos aliados (inglês e francês).

O ataque, foi efectuado com tal violencia, que o comando do V Exército Britânico, perdeu durante 48 horas as ligações com o seu Grande Quartel General!

Isto é, um general que tinha sob as suas ordens 3 generaes comandantes de Corpos de exército e 9 generaes de divisão, sofreu durante 48 horas, tal embate, que ficou desligado e isolado, entregue á sua sorte, sem poder comunicar com o seu comandante em chefe.

Por aqui se vê, que é mais facil criticar a guerra do que fazel-a.

E' de prever o que teria sucedido aos restantes generaes no comando de Corpos e de Divisão, que receberam este formidavel embate.

Deviam ter ficado nas primeiras 48 horas, do mesmo modo embrulhados e misturados, n'aquela monumental *salada humana!*



Com vista aos *criticos* que alcunham de DESASTRE a resistencia de horas, offerta aos alemães, por uma Divisão Portugêsa.

Seria preferivel que a Divisão Portugêsa, ao receber o ataque alemão em 9 de Abril, tivesse não só repellido os alemães todos, mas ainda tivesse avançado... até Berlim! Porém desta vez não pôde ser. Ficará para outra, afim de serem satisfeitas as *aspirações dos criticos* mais dificeis de contentar! Enquanto não chega êsse dia, vamos ouvindo os dois generaes, referindo-se ao ataque de 21 de Março:

LUDENDORFF

(Pag. 211, 212, 214, 221)

As divisões de infantaria tinham sido provisoriamente colocadas, durante alguns dias, á rectaguarda da frente reservada para *frente de ataque*; achava-se esta fôrça ao abrigo da acção dos aviões aliados, em formações cerradas e compactas, já á rectaguarda das posições de partida, reservadas para o avanço, que era ao longo de toda a nossa primeira linha.

A concentração de 40 a 50 Divisões, não tinha sido notada pelo inimigo e o seu serviço de espionagem, apesar de muito intenso, de nada lhe tinha dado conhecimento.

E' certo que as marchas de concentração se efectuavam de noite, mas as tropas atravessavam as aldeias cantando. E' difficilimo esconder ou occultar eficazmente uma tal massa de gente.

.....  
Enfim, sou forçado a admitir que o inimigo não teve informações seguras sobre o assunto, aliaz ter-se hia mostrado mais eficaz na defeza e as suas reservas teriam chegado mais rapidamente.

O *imprevisto* é sempre um factor essencial na guerra, apesar dos esforços em contrário dos dois adversarios; êsse factor tanto existe para nós, como para o inimigo.

.....  
O ataque do 17.º Exército, em face do qual se encontra a mais forte posição inimiga, não alcançou senão a 2.ª trincheira inimiga...

.....  
No ataque do 2.º Exército, a infantaria e a artilharia conjugaram melhor os seus esforços. A infantaria penetrou até ás segundas posições, á rectaguarda de todas as linhas da frente.

.....  
No 18.º Exército tudo se passou conforme tinha sido previsto e planeado. As suas tropas progrediam com manifestas vantagens.



GOMES DA COSTA

(Pag. 119, 120)

A partir de 4 d'Abril os nossos postos de observação, mencionavam maior aumento de movimentos na zona da rectaguarda, sobre tudo nas estradas *Largie* e *La Bassée*, e a ocupação do *Mitzi trenche*, até então desocupada.

Estavamos, pois, sériamente preocupados com todos estes movimentos anormaes e procuravamos achar-lhe significado, fazendo para isso executar *raids* e multiplicando o número de patrulhas de combate...

.....  
... — a nota de 24 de Fevereiro do Quartel General do corpo Português, — que começava assim :

«*Não sendo provavel um ataque em larga escala, na nossa frente antes do mês de Maio . .*»

.....  
Prudentemente, no entanto, a nota do comando acrescentava, «*que era preciso, contudo estar preparado contra qualquer ataque imprevisto, embora de objectivo limitado*», o que significa, que por alto comando Britanico nos descansar com respeito a probabilidades dum ataque a fundo, não podiamos adormecer, deixando aos alemães a liberdade de executar alguns *raids* com successo.

Proseguia ainda a nota de 24 de Fevereiro :

«*E' de presumir que a acção alemã procure cansar-nos, e gastar as nossas reservas* (1), com o fim de mais tarde executar um ataque em peso, onde quer que a situação se lhe apresente favoravel . . »

Como se vê alemães e aliados, não atinavam bem com as intenções mútuas.

Em 21 de Março e em 9 de Abril, Ludendorff conseguiu ocultar os seus fins *proximos* aos comandos dos aliados. Vê-se que em Fevereiro o alto Comando Britanico tinha *indícios* de que Ludendorff atacaria, ininterruptamente, na *proxima primavera*, todo o «front» occidental, procurando gastar as reservas dos aliados para fazer depois, onde lhe conviesse, *um ataque decisivo a fundo*, que lhe trouxesse a victoria final.

---

(1) Esta referencia ao gasto das *nossas reservas*, não se referia em particular ás reservas portuguesas, mas sim ás reservas dos exercitos britanicos e de uma maneira geral ás reservas de todas as tropas aliadas.



Simplesmente numa cousa Ludendorff se enganou; foi nas *reservas* (1) com que os Americanos reforçaram os exércitos aliados, durante o primeiro semestre de 1918.

Ludendorff, quando em Janeiro de 1918, reuniu o seu Estado Maior e os Comandantes dos Grupos d'Exércitos, para elaborarem os planos da campanha da primavera de 1918, não julgava que os reforços americanos se effectuassem com a rapidez e na quantidade em que se effectuaram.

De facto, resalta da curiosa narrativa de Ludendorff, que êle apressou, ou antes, encurtou os prazos préviamente estabelecidos, para atacar os varios pontos estrategicos da frente aliada, porque, depois do primeiro ataque sofrido pelos aliados, em 21 de Março de 1918, Lloyd George se decidiu a fornecer á America todas as suas disponibilidades em tonelagem maritima, afim de intensificar a remessa de tropas Americanas. Assim, a paginas 219, diz, a êsse proposito, Ludendorff:

«No entretanto Lloyd George, recorria aos meios extremos. Pediu a Wilson toda a urgência na remessa dos auxilios, e para isso enviou para a America, toda a tonelagem disponivel para o transporte das tropas Americanas para a Europa».

Como se vê, Ludendorff, ao atacar em 9 de Abril os portuguezes, pensou neles, mas foi só n'esse dia, porque antes e depois desse dia, estava preocupado mas era com os americanos, que iam começar chegando aos milhares e num curto praso.

Teve o General alemão toda a razão em precipitar as datas dos varios ataques, porque em Novembro de 1918, as suas reservas estavam *praticamente* esgotadas, emquanto que as dos aliados sobravam.

---

(1) Não devem restar duvidas aos criticos *desapaixonados*, que foram as reservas americanas e o bloqueio dos ingleses, que deram *em principio* a victoria dos aliados e os alemães sabem isso muito bem.



E foi este recurso valiosissimo, que deu aos aliados a victoria final.

E' natural que Ludendorff tivesse iniciado as suas offensivas em plena primavera, se a intervenção da America se não fizesse sentir de uma maneira tão decisiva e *tão intensivamente*, no fornecimento de reservas humanas: isto é, iniciaria a série de offensivas depois de Abril, pois que só teria vantagens nisso e assim, o facto de estarem ou não estarem na frente da Flandres os portuguezes, não influiu no Alto Comando Alemão, que teve mais em que pensar, do que em *fazer-nos partidas* ou em evitar de as fazer.

De tudo isto se infere ser necessário que os portuguezes se acostumem a apreciar os factos, que interessam á sua história, dentro das *justas e devidas proporções*; perdendo de vez a triste *monomania* da perseguição e os pruridos ridiculos da celebridade a todo o transe, inclusivé pelo preço de um disparate descabido. A *megalomania*, se é de um manifesto ridiculo nos poderosos, é desprezível nos pequenos. E o que é uma verdade assente para os individuos, nesse campo da *megalomania*, é igualmente uma verdade para as nações.

Podia ter-se dado um imprevisto; os alemães atacarem na Flandres durante a 2.<sup>a</sup> quinzena de Abril. Se assim tivesse sucedido, já nós, portuguezes, estaríamos rendidos e então, logo o *português atilado* deduziria que os alemães tinham estado á espera que nós fôssemos rendidos para então atacar nesse ponto a frente aliada! Seria nêsse caso uma prova amavel... de demonstração de neutralidade!

Atacaram durante a rendição (1), logo *houve de-*

---

(1) A data prefixada para a rendição das nossas forças era de 7 de Abril, que foi adiada para 9 pelas dificuldades que o ataque de 21 de Março tinha levantado aos ingleses. Como se sabe este ataque só afrouxou em 4 de Abril. 3



*nuncia*, concluiu o *português esperto* e sempre pronto a tirar conclusões *oportunas*!

Se nunca tivéssemos sido alvo de um ataque a fundo seria êsse facto levado á conta de um desprezo profundo que as nossas forças inspiravam aos alemães!

Como recebemos um dos seus costumados e formidaveis embates, foi de proposito pelo facto de sermos *portuguêses*. Que ridiculo que tudo isto é!

Vamos ver que no dia 9 de Abril não fomos atacados, com menos preparação, do que o foram os *inglêses* em 21 de Março.

E' Ludendorff quem nos vae fazer essa afirmação!

Antes, porém, de ouvir o que sobre o assunto nos vae dizer o general alemão, convem *recordar* e *acentuar* que o general *português* Gomes da Costa, achava difficil e perigosa a situação e disposições do terreno do sector, que lhes estava confiado; porém se lá não estivessem os *portuguêses*, estariam outros que seriam *inglêses* ou *francêses*, ou pelo menos *americanos*. Alguem lá havia de estar a defender essa má situação tactica.

Nesse mesmo sector tinham estado anteriormente as tropas *indianas* que não eram para brincadeiras; pois sempre era gente que fazia os seus assaltos á baioneta com uma faca entre os dentes!

Nós fomos substituir os *inglêses*, que lá estavam quando chegamos.

Em resumo, não era possivel aos aliados combinarem com os *alemães*, que nêsse ponto... ninguem nos atacaria!

## **Batalha d'Armentières**

(Abril, 1919)

Aos *portuguêses* foi entregue pois uma posição *perigosa* na frente dos aliados; era o fundo dum saliente inimigo na zona mais baixa e pantanosa da frente do



ataque efectuado em 9 de Abril; este facto honroso para nós. pode constituir para o *português atilado*, um argumento que o leve á conclusão de que os ingleses, ao confiarem-nos essa posição perigosa na frente, nos fizeram... *uma partida!*

Porém, se os ingleses nos confiassem um sector que não fosse perigoso e difficil de defender, se pelo contrário, fosse uma forte posição de vantagens seguras e reconhecidas, tal facto podia representar, uma manifesta falta de confiança no nosso valor — e logo o *portuguez atilado*, veria nisso uma prova de desprezo dos ingleses para conosco!

Parece-nos pois que já vae sendo tempo, leitor atento, de apreciar os factos pelo seu justo valor.

E' o que iremos fazendo, com a ajuda de Ludendorff, que é *santo* de toda a confiança para a reputação das tropas Portuguesas que se bateram na Flandres em 9 de Abril de 1918.

#### LUDENDORFF

(Pag. 221)

O alto comando alemão poz tambem de parte a projectado ataque da ala sul do 6.º Exercito.

Pelo contrário, decidiu pronunciar o ataque na planicie de La Lys entre Armentières e La Bassée; tratava-se da operação principal proposta em tempo pelo Grupo d'Exércitos do Kronprinz Rupprecht. O tempo apresentava-se seco e os Ingêleses estavam enfraquecidos na planicie de La Lys, bem como deante de Ypres. A preparação dêsse ataque foi muito cuidada por parte do 6.º Exercito. O General von Quast e o seu chefe de estado maior o tenente coronel Lenz, mostraram-se de uma actividade infatigavel e tudo tinham previsto á semelhança da preparação para o ataque de 21 de Março (1).

.....  
O objectivo dos ataques ulteriores do Grupo de Exércitos do

---

(1) Como atraz referi, é Ludendorff quem nos diz, que os portugueses não foram atacados com menos preparação do que o foram os ingleses em 21 de Março. Os portugueses, que pensaram ou afirmaram o contrario, que se assoem... a este guardanapo.



Principe Rupprecht, com o 4.º e 6.º Exercitos, eram as alturas que limitam ao norte a planicie de La Lys.

### GOMES DA COSTA

(Pag. 54, 55, 57)

As forças alemãs na frente ocidental eram constituídas por três grupos de exército, comandados pelo Principe Rupprecht da Bavieira (Exercitos da direita), pelo Kronprinz da Prussia (Exercitos do centro) e pelo Duque Albert de Wurtemberg (Exercitos da esquerda), num total de 158 divisões.

A frente Britanica ia de Dixmude ao Oise, 250 kilometros, com 80 Divisões agrupadas em 5 exercitos sob o Comando Superior do Marechal Sir Douglas Haig.

Do 1.º Exercito, sob o comando do General Horne, fazia parte o XIº Corpo sob o comando do General Hacking e nele estava incorporado o Corpo Portuguez.

O XIº Corpo Britanico ocupava a frente Armentières-Gravelle, numa extensão de 55 kilometros com o efectivo de 84.000 homens.

Nesta frente se achava o sector portuguez, que se estendia de New Bonde Street ao norte, a Shetland Road ao Sul, numa extensão de 12 kilometros.

.....  
A linha inimiga desenvolvia-se paralela á nossa, á distancia entre 80 e 300 metros.  
.....

Como se vê, o 9 de Abril foi uma consequência fatal de um objectivo tactico, que o Estado Maior Alemão procurava, depois de ter posto de parte um ataque que planeára contra Arras.

De facto, já vimos que Ludendorff ao reunir os comandantes de Grupos de Exercitos, numa conferência que precedeu a campanha de 1918 no «front» ocidental, três sectores se apresentaram para atacar; Yprés-Lens, Arras, S. Quintim e Lá Fére, ou Verdun (sul e norte da zona fortificada).

Vimos tambem que no ataque de 21 de Março, que precedeu o de 9 de Abril, o 17.º Exercito Alemão fallhou no seu avanço por ter diante de si uma posição forte. Se esse 17.º Exercito Alemão tem conseguido o seu objectivo em 21 de Março, o 6.º Exercito alemão que estava á sua direita teria desfechado uma ofensiva



contra o saliente Arras-Lens. Porém, o ataque do 17.º Exército não foi coroado de éxito e Ludendorff abandonou esse plano, voltando as suas atenções para o objectivo de Lá Lys. Dahi a destinar o 6.º Exército para esse ataque.

Vá o leitor reparando em tudo isto e diga depois se é capaz de saber, o que têm «democraticos», «camachistas» e «sidonistas com o ataque de 9 de Abril que, como vemos, se não fosse a natureza do terreno e outros factores alheios á politica do nosso paiz, ter-se-hia dado, por exemplo em 21 de Março! Bastava que da conferencia de Ludendorff com o seu Estado Maior tivesse saído como preferivel um primeiro ataque no sector do norte (Ypres-Lens)!

Como todos sabem, as forças da 1.ª Divisão Portuguesa começaram a entrar na frente em abril de 1917 e nunca mais deixaram de lá estar, até que em 4 de Abril de 1918, a 1.ª Divisão começou a retirar da frente. Em 9 de Abril, dessa divisão (a 1.ª) apenas estavam na frente, e tambem com ordem para retirar para descanso na manhã desse dia, a 3.ª brigada (inf. 9, 12, 14, 15), e a 2.ª bateria de morteiros médios. O resto da 1.ª Divisão estava em marcha desde 7 para a região de Dèvres e Samer. O proprio Quartel General do Corpo tinha ordens para retirar em 9 até ao meio dia, a fim de dar logar a um Quartel General Inglês, mudança esta que se effectuou durante a batalha.

Nos dias 10 e 11 dar-se-hia a rendição da 2.ª Divisão Portuguesa por forças britannicas.

A 2.ª divisão estava nas linhas desde Novembro de 1917 sem que tivesse sido dado descanso a nenhuma das suas brigadas!

No dia pois, em que alemães e portugueses, vieram ás mãos na planicie de La Lys, era a frente portuguesa na extensão de 12 kilometros, defendida pela 2.ª Divisão Portuguesa com as suas tres brigadas (4.ª, 5.ª e 6.ª) na frente e mais uma de que se lançou mão como reforço, a 3.ª brigada da 1.ª Divisão Por-



tuguesa, que como vimos tinha ordem de marcha para descanso desde o dia 8. Em resumo para recebermos o choque de 8 Divisões Alemães, tínhamos apenas 16 batalhões de infantaria, quatro grupos de infantaria, quatro grupos de artilheria de campanha e alguma artilheria pesada!

E' evidente que se Ludendorff, não soubesse ou não estivesse informado (1), de que a frente inglesa entre Armentières e La Bassée estava no mês de Abril enfraquecida, não iria atacar aí e procuraria outro objectivo. Na guerra não foi até hoje possível, estarem ambos os adversarios *sempre* fortes em toda a parte, senão arriscavam-se sempre a serem *ambos vencedores* ou *ambos vencidos*!

Mas continuaremos a ouvir os dois Generaes.

#### LUDENDORFF

(Pag. 221)

Apesar do reduzido número de trabalhadores, (2) os serviços preparatorios para o ataque estavam tão adeantados, que foi possível propôr a sua realisação para 9 de Abril.

Considererei-me feliz com isso. Quanto mais cedo se realisava o ataque, tanto mais probabilidades eu tinha de fazer uma surpresa aos Portuguezes na planicie de La Lys.

Visitei pessoalmente em 7 o Quartel General do 55.º Corpo do 6.º Exercito e fiquei com a impressão de que se podia manter a data fixada. O coronel Bruchmuler, foi enviado ao 6.º Exercito afim de examinar os trabalhos preparatorios de artilharia.

---

(1) Se Foch não estivesse informado em Julho que a offensiva alemã se ia dar em 15, não teria tambem tomado as providencias que tomou e não começaria *com tão grande successo* a derrota do inimigo.

(2) A infantaria do exercito alemão estava dividida em tres classes: tropas de choque, tropas para defesa de trincheiras e tropas para trabalhos, que eram as que Ludendorff denominou trabalhadores. As idades, a robustês, o espirito de «élan» e outros factores determinavam o alistamento nestas tres classes. Escusado será dizer, que em caso de necessidade... todos eram de infantaria prompta para tudo.



GOMES DA COSTA

(Pag. 118, 119)

Dia a dia, a massa de artilharia inimiga na nossa frente ia aumentando, tendo ele deslocado para ali grande número de baterias do Somme, bem como morteiros e unidades de infantaria; na primeira quinsena de Março eram denunciadas 60 novas posições de artilharia e na segunda quinsena 80, e tão grande e anormal era o número de posições que chegamos a supôr que o inimigo deslocava frequentemente as suas baterias, para nos iludir sôbre a localização de posições e seu número, o que, de facto, algumas vezes succedeu, tendo o deslocamento por fim iludir-nos quanto às regulações de tiro.

Nos meados de Março, o inimigo bombardeava La Gorgue, então Quartel General da 2.<sup>a</sup> Divisão e referenciava os comandos de brigada e batalhão, estradas que se dirigiam para os arredores de Lestrem, Merville, Nouveau Monde e St. Venant.

As nossas patrulhas e postos de observação mencionavam desusado movimento á rectaguarda das linhas inimigas, wagonetas, carros e por fim aberturas na rede de arame farpado.

Prisioneiros feitos pelas nossas patrulhas referiam a chegada de novas divisões de infantaria

.....  
A isto seguiu-se então a ofensiva do Somme (21 de Março), que fez para lá voltar todas as atenções.

.....  
Em 6 de Abril, a 2.<sup>a</sup> Divisão deixou de estar subordinada ao C. E. P para efeitos tacticos e passou para o XI.<sup>o</sup> Corpo Britanico

.....  
Como se vê, desde Março que se presentia um ataque na frente dos Portugueses, mas esse presentimento sendo fundado, era-o *em toda a frente*, desde a Belgica ate á Suissa!

E' ainda Ludendorff, quem nos ilucida de que, só em 7, se assentou em que o ataque teria inicio em 9.

Mas ha mais; Ludendorff mostrava-se impaciente por fazer o ataque, como sempre succede aos chefes de tropas em condições identicas, porque uma ofensiva denunciada ao inimigo por qualquer meio, com horas de antecedência, é um desastre certo para quem ataca e pelo que o General Gomes da Costa diz, vê-se que as nossas tropas tinham indicios infaliveis de um ataque



certo; porém, não sabiam o melhor, que o proprio Ludendorff só soube em 7 e que era: — *o dia* marcado para iniciar o ataque!

Quanto a quem era o coronel Bruchmuler, que Ludendorff diz ter mandado examinar os trabalhos preparatorios para o ataque da artilheria alemã em 9 de Abril, é o proprio Ludendorff que nos vae dizer quem é essa personagem.

Ainda Ludendorff nos vae tirar uma duvida; e é ela a seguinte. Porque é que á nossa rectaguarda não foram colocadas, desde Março, fortes reservas para nos apoiarem na hipothese prevista de sermos atacados?

E' Ludendorff e sempre ele, que nos vae ilucidar de muita cousa interessante.

Este Ludendorff, se não existisse, seria preciso inventar-se para destruir a caterva de disparates, que os portuguezes têm dito sôbre «*o 9 de Abril*».

E' preciso no entanto lembrar, que durante o mês de Março, estavamos nós fortes na *nossa* frente e tanto assim era, que a 1.<sup>a</sup> Divisão, deu nêsse mês agua pela barba aos alemães e foi no meio de bombardeamentos e «raids» de parte a parte, que o Principe de Rupprecht preparou a ofensiva de Abril, isto emquanto Ludendorff levava a efeito a ofensiva do Somme de 21 de Março.

Este violentissimo ataque, como é de prever, obrigou os reforços e a artilheria pesada á nossa rectaguarda, a acudirem ai em prejuizo do resto do «front», que ficou enfraquecido para poder resistir eficazmente contra qualquer ofensiva que se desencadeasse.

#### LUDENDORFF

(Pag. 202, 203, 204, 211)

Que resultados iamos attingir? Abrir uma brecha na frente inimiga e conseguir um objectivo de larga envergadura: ou iamos apenas efectuar ataques parciaes?



A duvida, prevalecia... como sempre succede, nos incidentes da guerra (1).

.....  
O exercito alemão do «front» oeste, encarava de frente o momento de prestar as suas maiores provas.

As sucessivas victorias deveriam ser coroadas, por uma operação de larga envergadura, no decorrer da qual tentariamos entrar em linha de conta com a nossa manifesta superioridade na guerra de movimento. Tal era o grande fim, que se tornava necessario atingir.

Disse então ao Imperador, que o exercito estava pronto e convenientemente preparado para cumprir a «sua mais alta missão para a historia».

Tornava-se necessario defendermo-nos de perigo que corriamos, denunciando por este modo e prematuramente as nossas intenções. Era necessario nas frentes onde não deveriamos atacar imediatamente, *afectuar operações e trabalhos que atraissem as atenções do inimigo* e simultaneamente servissem de base e ponto de partida para ultteriores ataques. Mas tambem era necessario concentrar, no sector que ia lançar os ataques, os maiores efectivos de destacamentos de trabalhadores de que podessemos dispôr.

Era preciso, ao mesmo tempo, que isto se fazia, limitarmo-nos a efectuar em outros sectores, preparativos de fraca intensidade. A despeito de tudo havia de se fazer o possivel por desnortear a vigilancia do inimigo. Era necessário tambem prever e efectuar prudentemente, um sistema completo de defesas.

.....  
Na manhã de 20 de Março em toda a nossa frente destinada ao ataque, as baterias e os morteiros estavam a postos; as respectivas munições estavam dispostas á rectaguarda e até á frente dos parapeitos das nossas primeiras linhas!

Representando tudo isto um exito completo, era ao mesmo tempo um autentico *milagre*; porque o inimigo não se apercebeu de todo o movimento havido durante noites consecutivas! Alguns tiros do inimigo atingiam por veses os nossos paióis de artilharia; munições ali acumuladas explodiam de vez em quando, tudo isto deveria despertar as atenções do inimigo. Mas como ao longo de toda a frente se viam espectaculos identicos, não lhe era possivel tirar conclusões precisas!

---

(1) Estas considerações eram as que Ludendorff fazia antes de romper a ofensiva de 1918 de que o primeiro golpe foi vibrado em 21 de Março o segundo em 9 de Abril, o terceiro em 27 de Maio o quarto em 9 de Junho, o quinto em 15 de Julho, ficando parado outro que se efectuariá a 18 de Julho em consequencia do contra ataque dos aliados na noite de 17 para 18 do mesmo mês.



.....  
O coronel Bruchmuler, tinha já dirigido, em 19 de Julho de 1917, o emprego de artilharia na frente oriental, quando abrimos a brecha na Galicia Oriental, e durante o ataque de 21 de Março tinha assumido o comando geral da artilharia do 18.º Exercito.

Os seus vastos conhecimentos, o seu talento, o amor da sua profissão e da arma a que pertence, em resumo, o seu temperamento ardente de soldado, tornava-o um dos mais notaveis chefes na presente guerra.

As suas indicações tinham já servida de base para o emprego da artilharia, quando do ataque de 21 de Março.

A artilharia do 18.º Exercito estava toda possuida do seu espirito. Este facto muito tinha contribuido para lhe assegurar um verdadeiro exito, (1) tanto mais que este 18.º Exercito atracava o ponto mais fraco do inimigo. O 17.º Exercito, que tinha deante de si as posições mais fortes do inimigo, combateu bem e seguindo a mesma orientação, mas o que lhe faltou, foi a força imediata, que dimanava do coronel Bruchmuler e que electrificava! Mais uma vez se verificava, que na guerra, como em todas as cousas correntes da vida, não se pode prescindir da acção predominante da personalidade. O alto comando, tinha que contar não só com a força provavel do adversario, mas tambem e sempre com o character especial dos que animados da mesma dedicação, trabalhavam para o mesmo fim.

O coronel Bruchmuler examinou todos os preparativos já effectuados e declarou, que tudo estava em boa ordem (2).

### GOMES DA COSTA

(Pag. 117, 118)

Durante o mês de Março a nossa artilharia desenvolveu grande actividade e a nossa infantaria executou bastantes «raids» (3) com o fim de obter identificações e manter o espirito ofensivo.

---

(1) Trata-se do ataque de 21 de Março.

(2) Trata-se do ataque de 9 de Abril.

(3) Dentre eles sobresaem dois como operações brilhantes, de exito completo e de bravura incontestada. Foram feitos respectivamente por uma companhia de infantaria 21 e outra de infantaria 14 nas noites de 9 e 19 de Março contra a 85.ª divisão alemã.

Em ambos os assaltos fizemos uma totalidade de 8 prisioneiros, apanhamos ao inimigos 3 metralhadoras e apenas tivemos um numero reduzido de feridos; os alemães que não ficaram presos nem fugiram, foram todos mortos!



Por seu lado, os alemães recrudesciam de actividade. Afóra os bombardeamentos diários, *normais*, executam varias operações.

A 2 de Março após uma violenta preparação de artilharia e morteiros, atacam o sector de Chapigny; na manhã de 7, atacam o posto de Lansdoune e na noite de 9/10 a direita de Ferme du Bois; na manhã de 12 atacam a direita de Fauquissart e esquerda de Champigny e na noite de 13/14 varios pontos da nossa primeira linha.

A 14 em pleno dia, ás duas horas da tarde, atacaram Ferme du Bois e em 19 penetraram no sector de Champigny. Na noite de 20/21 atacam o posto Pioner, na de 24 o de Mole e em 25 o sector de Ferme du Bois.

Todos estes ataques foram repellidos pelos ataques da minha Divisão (1.<sup>a</sup> Divisão), (1) conseguindo o inimigo nesses ataques apenas penetrar no sector de Chapigny, á minha esquerda (2.<sup>a</sup> Divisão).

Estes sucessivos ataques enraizaram-me a opinião de que o inimigo preparava qualquer ofensiva importante nos nossos sectores tratando de apalpar a nossa frente para conhecer os pontos fracos susceptiveis de mais facil penetração, o seu grau de resistencia e calcular os efectivos necessarios para um ataque a fundo.

E que a impressão que as nossas tropas deixaram no comando alemão foi notavel, demonstrando-o o facto de no ataque de 9 de Abril empregarem contra a minha unica Divisão — oito Divisões!

Vê-se pois, que para atacar a frente Portuguesa se procedeu com as mesmas precauções e recorrendo ás mesmas pessoas que tinham dirigido o ataque á frente inglesa no Somme, em 21 de Março de 1919. Ludendorff não é muito efusivo em louvores aos seus subordinados, mas quando relata o que se passou em 9 de

---

(1) O Corpo Português era composto por duas divisões. O General Gomes da Costa foi até 20 de Março de 1918 o comandante da 1.<sup>a</sup> Divisão. O comandante da 2.<sup>a</sup> Divisão, era o General Simas Machado; como a 1.<sup>a</sup> Divisão começou a retirar da frente para descanso em 3 de Abril e o comandante da 2.<sup>a</sup> Divisão tivesse retirado de França em Fevereiro para ir assumir o comando Militar dos Açores, o comando Britanico exigiu que o General Gomes da Costa ficasse comandando a 2.<sup>a</sup> Divisão até esta retirar da frente, o que se deveria dar em 11 de Abril. Quiz o acaso que, essa rendição se efectuasse em 9 de Abril *por meio de uma batalha*.



Abril, começa por fazer ao coronel Bruchmuler as referencias que acabamos de lêr.

Sabemos que no seu primeiro ataque 21 de Março, de 1918, Ludendorff empregou 3 Exércitos, o 18.º o 2.º e o 17.º.

O 18.º atacou pelo Sul o inimigo, o 17.º atacou pelo norte e o 2.º Exército aliviado nos seus dois flancos por êsses dois ataques, abriu brecha varrendo os adversarios que encontrou pela frente, numa profundidade de 60 kilometros em 14 dias, (de 21 de Março a 4 de Abril).

Os dois generaes, o alemão e o português vão-nos dizer, que na batalha da Armentières, (como lhe chamam os inglêses e alemães) ou do LYS como lhe chama o general Gomes da Costa, o processo empregado foi o mesmo. Ataques nos flancos e 8 divisões são especialmente destinadas a varrerem os portugueses na sua frente.

Vimos tambem (é Ludendorff quem o diz) que era sua intenção secreta procurar abrir brecha em varios pontos do «front», e irromper por uma dessas brechas, onde lhe fôsse possivel entrar, rasgando o «front» como uma torrente que esmagasse e vencesse a França e portanto os aliados.

Tambem verificamos que, para isso, *abarroto* toda a sua frente com material, homens, canhões e munições em quantidade espantosa.

Feito isto, ordenou em toda a sua frente uma actividade constante, que variava a todo o momento de intensidade nos varios sectores, de modo a desnortear o adversario sôbre as suas intenções e assim vemos, que em 20 de Março os ingleses, no Somme, não estavam prevenidos ou precavidos contra um tão violento ataque nesse ponto do «front».

Vemos tambem que ao mesmo tempo que os alemães empurravam o Vº Exercito Inglês no Somme, iam-nos mimoseando com ataques parciaes e alguns um tanto violentos, na nossa frente.



Dil-o o General Gomes da Costa, quando refere os 10 ataques parciaes que receberam as nossas Divisões que estavam ambas na frente do combate.

Esses ataques foram feitos no mês de Março nos dias 2, 7, 10, 12, 13, 14, 19, 21, 24 e 25.

Estes ataques, segundo se vê, serviam para mascarar a ofensiva de 21 de Março contra o Vº Exército Inglês.

De 25 de Março em diante cessaram os ataques contra a pequena frente portuguesa, e houve uma calma relativa <sup>(1)</sup> para os portugueses. Em 4 de Abril cessam os alemães de bater nos Ingêleses e eis que em 9 de Abril atacam outra vez mas então na frente portuguesa, e a fundo.

Durante o mês de Março, bem defendidos estavamos nós os portugueses, porque á nossa rectaguarda, acumulavom-se reservas britannicas; e, especialmente protegendo as nossas tropas contra um ataque inimigo, estavam 250 canhões de todos os calibres, o que dava para a nossa frente de 12 kilometros, um canhão por cada 50 metros de frente aproximadamente.

Porém em 21 do mesmo mês de Março, os alemães atacam a fundo uma frente, que durante êsse mês tinha estado relativamente tranquila. Este facto obrigou o Alto Comando Britanicp a deslocar para aí todas as reservas e canhões, que foram poucos para acudir á brecha que os alemães abriam no Somme, dando *marteladas* furiosas sôbre o Vº Exército Britanico. E de tal ordem eram elas, que o Alto Comando Britanico, perdeu durante 48 horas as ligações com o Comando do seu V Exército!

O cidadão português precisa conhecer êstes e outros episodios da frente ocidental de combate, para se convencer que em 9 de Abril, quatro brigadas portuguesas, não podiam fazer mais do que fizeram.

---

(1) É preciso advertir o leitor de que esta *calma* relativa estava muito longe de representar grandes garantias para a integridade fisica de quem lá estava á frente da linha das divisões.



Não se julgue também, que fizeram mais do que os outros.

Simplemente fizeram o mesmo que os outros, e é quanto nos basta.

Em 9 de Abril, pois, derivaram os alemães as suas *marteladas* para a frente Armentières-La Bassée.

Parte dessa frente estava já então só guarnecida por uma das nossas divisões (a 2.<sup>a</sup>) com uma brigada (a 3.<sup>a</sup>) que constituiu nesse dia a nossa única reserva de divisão.

Não se julgue que o 9 de Abril se resumiu em um ataque isolado contra os portugueses, que estavam nesse dia a defender 12 kilometros de frente. Até 25 de Abril, houve todos os dias... um 9 de Abril para Ingêleses e Francêses. Isto é, a batalha começou em 9 de Abril e acabou em 25 de Abril.

Como vimos a anterior batalha começára a 21 de Março e terminára em 4 de Abril.

A' batalha começada a 21 de Março chamaram os alemães a *batalha da França*. A' que começou em 9 de Abril chamaram aliados e alemães, a *batalha d'Armentières*.

Nós tomamos parte em um dia dessa batalha, o começo; e o General Gomes da Costa chama-lhe a BATALHA DO LYS reservando assim um justo titulo, para o nosso esforço entre os aliados, pois que nós não defendíamos Armentières, mas sim, parte da bacia da ribeira de Lá-Lys.

Armentières era defendida por tropas ingêlas á nossa esquerda.

## **Mais algumas offensivas Alemãs**

(Maio, Junho e Julho de 1918)

Antes de vermos o que se passou na BATALHA DO LYS analisemos rapidamente a série de batalhas e embates que se deram na frente ocidental, até á contra-offensiva aliada, que começou em 18 de Julho.



Em 27 de Maio, dá Ludendorff contra o Exército Francês ao sul da Oise, em Soissons, nova e furiosa *martelada*.

E essa foi mais furiosa do que as anteriores pois que em 3 dias, (27, 28 e 29 de Maio) faz no exército francês uma brecha de perto de 40 kilometros de profundidade. Julgará o cidadão português, que os francêses recuaram em 3 dias, 40 kilometros propositadamente? Não pense em tal cousa e se alguém lh'o disser, não acredite, porque o proprio Foch ficou muito contrariado com esse recuo, bem como o que lhe seguiu, durante os primeiros dias de junho em que Ludendorff conseguiu penetrar ainda mais uns 20 kilometros!

Afrouxava mais esta grande *martelada* e eis que entre o Somme e Soissons recebem ingleses e francezes, de mistura, nova *martelada*! Em 9 de junho foi ela e a brecha foi de 10 kilometros de profundidade!

A França vergava, a Inglaterra estremecia, a Alemanha suicidava-se, e as nações pequenas julgavam chegada a sua última hora de independencia.

Exercia já então nessa data, o Marechal Foch, o mando único e a *bigorna* em que Ludendorff malhava era mixta. Isto é, recuavam misturados francezes e ingleses, desenas de kilometros, na frente dos alemães.

A França mostrava-se apavorada (1) com tanta pancadaria e os aliados mostravam-se apreensivos. Lloyd George calava-se com a tradicional reserva de britânico.

Clemenceau declamava no Parlamento e apelava para a coragem do povo francês, proferindo frases inspiradas numa fê quasi divina.

E dirigindo-se ao parlamento como quem falava á França dizia; — «Francezes! Nós por agora recuamos! Mas nunca nos havemos de render!»! ...

---

(1) A imprensa Francesa dessa época, não deixou transparecer todo o desanimo que tinha invadido o povo francês. Só quem lá esteve nessa época, pode ver, a massa do povo francês prestes a aceitar com resignação a victoria alemã.



«Nós havemos de alcançar a victoria final, se os poderes públicos estiverem ao nivel das suas altas funções!»...

«Franceses! Bater-nos-hemos em frente de Paris! Bater-nos-hemos dentro de Paris! Bater-nos-hemos por de traz de Paris!»...

«Recordemos qual foi o fim de Thiers e de Gambeta; não lamentarei nunca ter que desempenhar a missão (1) pesada e ingrata de Thiers!»...

Ludendorff tinha conseguido transformar todo o «front» num braseiro ardente.

Em uma extensão de mais de 400 kilometros, da Belgica á Suissa, milhões de homens matavam-se furiosamente!

E apesar do sangue correr ás lufadas e em vagalhões, Ludendorff preparou mais duas novas *marteladas*. Uma no sector norte que anteriormente tinha atacado em 9 de Abril, ou seja a planicie do Lys e outra sôbre o Marne na Champagne.

Iniciou a do Marne em 15 de Julho e reservava o ataque na Flandres para 18 de Julho. Seriam simultaneos e empregaria os seus melhores esforços onde a resistencia fôsse menor. Para o ataque na Flandres reservava 32 divisões, para o ataque no Marne dispunha de todas as reservas no exército alemão.

Se os americanos não tivessem vindo em auxilio dos aliados, a França ficaria derrotada, a Alemanha bastante enfraquecida não poderia impôr á Inglaterra condições de paz duras e a paz seria apenas um *armistício* de alguns anos, entrecortado de incidentes vários, todos tendentes ao recommençar furioso de uma nova guerra.

O ataque do Marne rompe em 15 de Julho.

A avalanche alemã fez n'essa ocasião uma travessia brilhante do Marne.

---

(1) Clemenceau admitia uma repetição angustiosa da paz que se seguiu á guerra de 70.



Durante o dia 15, 16 e 17 de Julho, tudo recuou deante das aguias germanicas.

Ludendorff durante a noite de 17 para 18, visita o Quartel General do Principe de Ruprecht, que desde 16 tem tudo preparado, para avançar com a sua gente pela Flandres fóra (1) e sempre em procura de Calais e Boulogne.

Porém, durante a conferencia, Ludendorff recebe a desastrosa noticia de que o exército francês conseguira furar a sua muralha d'aço, fazendo-lhe uma larga brecha na sua frente de batalha, a sudoeste de Soissons!

Ludendorff, diz-nos no seu «Souvenirs de Guerre» que terminou essa conferencia com o principe Ruprecht, *debaixo de uma enorme tensão nervosa*. Dirige se para a frente de batalha no Marne e aí sabe e vê que a tropa francesa conseguira atravessar, até então, a invencivel muralha alemã.

O exército alemão no seu avanço, fôra vitima de um ataque de flanco, que o destruiu pela rectaguarda, matando-lhe e aprisionando-lhe gente aos milhares!

Tinha terminado a ofensiva alemã de 1918 iniciada em 21 de Março. Começava para os aliados a ofensiva de 1918, que lhes havia de dar a victoria em 11 de Novembro, data do armisticio proposto pelo vencido que, ao depôr as armas, apenas tinha 15 divisões de reserva para toda a sua frente e uma revolução atraz de si!

Com o contra-ataque anglo francez de 18 de Julho, ficou furada a ofensiva preparada na Flandres pois que o principe de Ruprecht, teve que ceder as suas divisões afim de Ludendorff poder tentar barrar o avanço dos aliados no Marne.

---

(1) Nessa data alguns batalhões portuguezes receberam ordem para guarnecerem parte da terceira linha de resistencia, embora as trincheiras ainda estivessem incompletas e nelas tivessem trabalhado de mistura Portuguezes e Ingleses. A artilheria portuguesa ocupava as posições de reserva.



Chegou então a vez de Foch manejar o *martelo*, servindo Ludendorff, por sua vez, de *bigorna*.

Ludendorff, levou, levou e levou até que o esgotamento das reservas, revolução na Alemanha e o Armistício de 11 de Novembro, puseram termo á pavorosa sangueira.

Ludendorff conseguira fazer varios ataques parciaes, todos com desusada violencia. Porém nenhum desses terriveis *encontrões*, poude abrir uma brecha eficaz, por onde Ludendorff vasasse, como torrente em brasa, a soldadesca alemã.

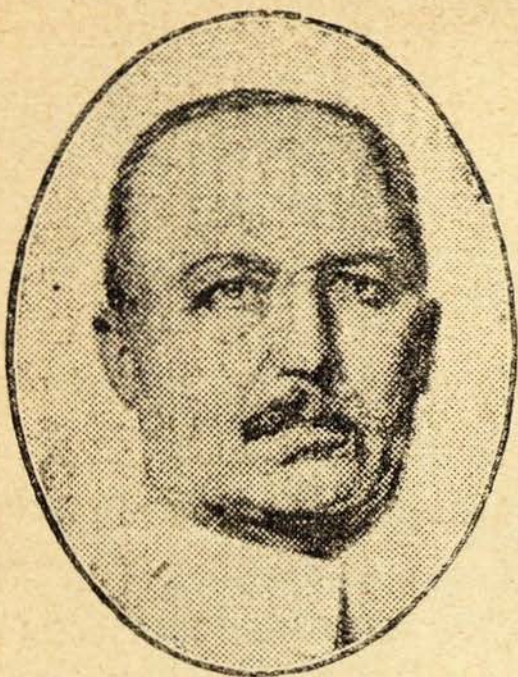
Gastou Ludendorff, nessas brutaes tentativas, todas as suas reservas, ficando depois disso impossibilitado de resistir eficazmente contra uma ofensiva em qualquer ponto da sua frente.

De 18 de Julho em deante, tivera Ludendorff muitos «*9 de Abril*» tal qual Ingleses e Franceses os tiveram, de 21 de Março até essa data.

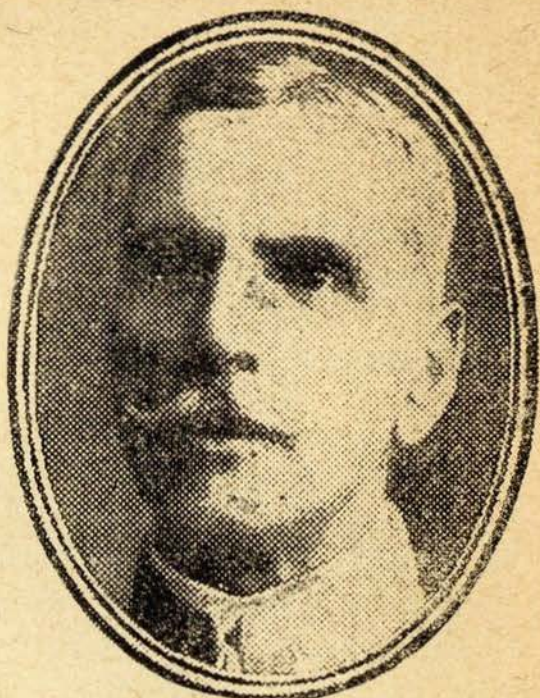
Ludendorff esgotára nos seus avanços quasi todas as suas reservas humanas ; em compensação, os aliados embora cedessem terreno deante do inimigo, desde 21 de Março até 17 de Julho, não deixaram de receber a toda a hora, desde o começo de 1918, reforços americanos, que guarneecendo os seus sectores, deixavam milhares de franceses e ingleses disponiveis para se defenderem das arremetidas alemãs. E foi com essa massa de manobra, que iniciaram a sua ofensiva. Porém até lá, quantos «*9 de Abril?*»

---





GENERAL LUDENDORFF



GENERAL GOMES DA COSTA

## **Batalha do Lys**

*(9 de Abril)*

Vamos agora ver o que dizem sôbre a batalha do Lys os dois generaes: -- o alemão e o português.

LUDENDORFF

*(Pag. 222, 224, 225 e 226)*

O ataque de 9 de Abril, decorreu normalmente durante as três primeiras horas da manhã <sup>(1)</sup>. As noticias que recebemos nessas primeiras horas, eram-nos favoraveis

Esse dia era para mim melhor aniversario natalicio do que o fôra no ano precedente, com o nosso grande cheque em Arras.

Sua Magestade ouviu ler os primeiros comunicados da batalha em Avesnes <sup>(2)</sup> e ficou para o almoço.

Durante êle proferiu numa breve alocução em minha honra,

---

<sup>(1)</sup> A infantaria alemã assaltou a nossa primeira linha pelas 8 horas da manhã, desde as 7 da manhã que conseguiu entrar no sector inglês á nossa esquerda.

<sup>(2)</sup> Avesnes, praça forte sobre Helser-Maior, afluencia do Sambre; 5:000 habitantes, 94 kilometros, S. E. de Lille.



referindo-se nessa ocasião aos dois meus filhos que tinham morrido na guerra; também nessa ocasião me presenteou, com uma estatueta sua em ferro de Retzner.

Essa estatueta, será sempre para mim uma recordação sagrada do meu Imperador.

Passadas as primeiras horas da manhã, o ataque pareceu decorrer mais lento. A passagem através do sistema de posições inimigas, esbarrava contra obstáculos consideráveis, sobre um terreno que, apesar de plano, estava cortado de caminhos e buracos.

A direcção das estradas era pouco favorável ao ataque.

Além disso os destacamentos de «tanks» empregados por nós, destruíram os caminhos por onde passavam.

A marcha da nossa infantaria, foi demorada em virtude dos ninhos de metralhadoras inimigas, dessemeadas num terreno semeado de arbustos.

A tarde estávamos progredindo na direcção de Armentières (1) e aproximávamo-nos da Ribeira de Lawe (2).

Na direcção de Bethune (3) o avanço era frouxo; na nossa ala esquerda tínhamos estacado em frente de Festubert e de Givenchy. Os resultados não eram satisfatórios.

O ataque continuou durante 10 de Abril (4).

Em 11 de Abril foi tomada Armentières (5).

O 4.º Exército que tinha já cooperado na batalha empenhando a sua ala esquerda ao norte do 6.º Exército, tomava Messines perdida por nós desde 7 de Julho do ano transato.

Depois de 21 de Abril a violência do ataque do 6.º Exército afrouxou, enquanto o 4.º Exército continuava a ganhar terreno.

---

(1) Armentières era defendida pelo V Exército Inglês, (20.ª Divisão Britânica).

(2) Zona defendida pelas quatro brigadas portuguesas. (4.ª, 6.ª, 5.ª e 3.ª).

(3) Defendida pela 55.ª Divisão Britânica.

(4) Restos de uma força inglesa, quasi duas companhias de infantaria 13 e uma companhia de infantaria 15, resistiram em Laccouré até 10 ao meio dia, estando cercados desde a vespera.

(5) Duas companhias de infantaria 15 conservaram-se da linha de batalha até 11 ao meio dia retirando debaixo de fogo, na linha de fogo, depois de receberem ordem por escrito.



A tomada de Kimmel a 25, marcou o ponto culminante dessa nossa ofensiva.

.....  
Ao sul do monte Kimmel, Baileul caía também em nosso poder mas mais ao sul o 6.º Exército não tinha feito mais progressos.

Os fins de abril marcam a conclusão da ofensiva iniciada em 21 de Março no Somme.

.....  
Tínhamos obtido enormes vantagens; é preciso não esquecer taes sucessos embora o que depois succedeu tenha produzido quaesquer impressões menos lisongeiras. Tínhamos derrotado o Exército Inglês!

Muito poucas eram as divisões inglesas intactas.

De 59 divisões inglesas, 53 tinham entrado em combate; 25 de entre estas, tinham-se empenhado na luta repetidas veses. Os franceses tinham tomado parte na ofensiva com quasi metade das suas divisões.

As perdas materiaes para o inimigo foram enormes.

Algumas divisões italianas tinham aparecido na frente de batalha; (1), por seu lado as tropas Anglo-Francesas enviadas para Italia durante o outono precedente, lá continuavam.

Na Macedonia o auxilio da Grecia salvava as tropas inglesas.

Continuavamos a ignorar qual o efectivo das tropas Americanas transportadas até Abril (2).

Pelos meados de Abril, já se tinham travado os primeiros combates com tropas americanas entre Saint-Misiel e Moselle.

Estas tropas estavam em França havia bastante tempo.

#### GENERAL GOMES DA COSTA

(Pag. 113, 114, 115, 126, 127, 128, 130, 175, 176)

A segunda e para nós decisiva da grande ofensiva alemã teve logar a 9 de Abril, ao sul de Armentières no velho campo de batalha de Messines, entre o Canal de La Bassée e Bois Grenier.

Segundo o sumario do I Exército Inglês de 1 a 15 de Abril o objetivo inimigo nesse dia era a linha Bois-Grenier, Fleurbaix, Rio Lix, Ribeira de Lawe, Gorre e Canal de La Bassée, com o fim provavel de acentuar o saliente que a linha alemã fazia já entre

---

(1) Para essas como eram poucas tambem houve um... 9 de Abril em Artois. Isto é, como não eram aos milhões e apenas aos milhares, foi um ar que lhes deu.

(2) Eram já centenas de milhares.



Givenchy e Fleurbax, e devia ser executada pelas seguintes divisões.

Em 1.<sup>a</sup> linha, 38, 32, 8 R B, 1 R B, 43 R, 4 Erztatz.

Em 2.<sup>a</sup> linha; 10 Erztatz, 81 R, 18 R, 44 R-42.

Em 3.<sup>a</sup> linha, 11 R-48 R-8-239 12-240 (1).

A frente do ataque seria posteriormente continuada por um duplo movimento de rotação dos flancos que determinaria a ocupação do terreno ao norte de Lys e a oeste de Armantières, cortando as comunicações a esta cidade e das passagens do Canal em Gorr, Merville e Bethune.

.....

Para não voltarmos ao assunto diremos desde já que o inimigo, em 9 alcança todos os seus objectivos no centro (2), atravessa o Lys em Banc St. Maur, alcança todos os seus objectivos na sua direita (3) e ocupa na sua esquerda (4) a ilha Loisne, Fertubert e Givenchy.

.....

O peso principal do ataque incidiu sobre as tropas portuguesas que ocupavam o centro da frente atacada.

.....

Desde as 20 horas e 30 minutos do dia 8, até á 1 da madrugada do dia 9, a artilheria inimiga executou sobre as nossas posições de artilheria, rajadas de quatro e cinco minutos de duração, intervaladas de 10 a 15 minutos (5).

Fez-se então uma pausa e ás 4 horas e 15 minutos, rompia com um violento e formidável bombardeamento, sobre as primeiras e segundas linhas de infantaria (simultaneamente batidas por morteiros) comandos de batalhão, brigadas e Quartel General da Direcção.

.....

Apesar da grande violencia do bombardeamento, tantos eram eles nos últimos tempos, que suposemos a principio ser apenas um bombardeamento normal, um *harrassing fire* (6), ou uma represalia aos nossos bombardeamentos anteriores.

A certa altura, porém, a crescente intensidade do fogo, a sua marcha de avanço, que atingia já o Quartel General da Divisão, fez-me crêr em que se tratava de alguma cousa mais seria, e ex-

---

(1) O ataque iniciou-se pois com 17 divisões das quaes 6 em 1.<sup>a</sup> linha, 5 de reforço e 6 de reserva. Destas divisões todas, 8 foram destinadas a forçar a frente portuguesa.

(2) 2.<sup>a</sup> Divisão Portuguesa.

(3) 40.<sup>a</sup> Divisão Inglesa.

(4) 55.<sup>a</sup> Divisão Inglesa.

(5) A nossa artilharia deveria ter passado uma noite *deliciosa* ..

(6) Fogo desmoralizador, violento, disperso e sem fins taticos.



pedi ordem á brigada, chamada de *reserva*, (1) para ocupar a *Village Line* (2).

Eram 4 h. 20 minutos, a. m. e dessa ordem foi portador um dos meus ajudantes de campo.

.....  
A's 8 h. a. m. a 40.<sup>a</sup> Divisão Inglesa á minha esquerda, informava-me de que o inimigo penetrára na sua 1.<sup>a</sup> linha e ás 9,45 minutos a. m. recebo comunicação de que o inimigo penetrára entre o flanco direito da 40.<sup>a</sup> Divisão Inglesa e o meu flanco esquerdo (3).

A's 9,30 minutos, a. m. o batalhão da direita (4) diz ter perdido as 1.<sup>as</sup> e 2.<sup>as</sup> linhas.

A's 9,45 uma mensagem ainda da 40.<sup>a</sup> Divisão Inglesa, trasiada por um pombo correio, informava-me que essa divisão ia retirar o seu *flanco direito* por estar a esquerda portuguesa recuando (5).

.....  
A's 10,30 minutos recebo analogia comunicação da brigada 164.<sup>o</sup>, da 55.<sup>a</sup> Divisão Inglesa, que se estendia á minha direita.

A 55.<sup>o</sup> Divisão Inglesa á minha direita foi atacada por três regimentos da *Erzatz*, o que demonstra que o ataque principal executado sobre ela foi secundario e dependente do ataque principal executado sobre a 2.<sup>a</sup> Divisão Portuguesa com o fim de abrir caminho para *Merville* e *Aire* (6), (objectivo *Calais* e *Bulogne*).

.....  
A ruptura duma frente de batalha é caso vulgar e que não assusta qualquer comando, quando para parar essa eventualidade, disponha de reserva; mas quando esse comando não dispõe de mais tropas, não tem meio de intervir na luta e limita-se portanto a receber as noticias que lhe vêm chegando da frente e a transmiti-las para as estações superiores.

---

(1) 3.<sup>a</sup> Brigada (batalhões 9-12-14-15).

(2) Linha de reductos á retaguarda dos batalhões que estão guarneendo a 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> linha das trincheiras mais avançadas.

(3) Infantaria 8 pertencente á 4.<sup>a</sup> brigada Portuguesa, a brigada do Minha (batalhões 3-8-21-29).

(4) Infantaria 10 pertencente á 5.<sup>a</sup> brigada portuguesa (4-10-13-17).

(5) A esquerda portuguesa a essa hora não recuava, porque estava mas era a acabar de se *desfazer*, como de resto sucedia á direita da 40.<sup>a</sup> divisão inglesa que tambem se diluia a essa hora nos escombros do bombardeamento.

(6) A 55.<sup>a</sup> divisão apesar de ser alvo de um ataque secundario não deixou de levar um *encontrão rijo* na sua extrema ala esquerda e só pode *respirar*, quando a pressão alemã deixou de atuar.



A's 12,25 o Comandante do 9.º corpo ordena-me a retirada do Quartel General para Calonne-sur-la-Lys.

A *Reuter* em 10 de Abril, contudo elogia a attitude das tropas Portuguezas e o mesmo faz o *Times* em 11 e 12.

O Marechal Sir Douglas Haigs louva no dia 9 a Divisão 55.º pela forma como se bateu em Festubert e Givenchy e a 15 o mesmo Marechal reedita o louvor; porque? Evidentemente para desfazer a impressão que a infeliz manobra da 55.ª produziu no espirito publico.

Infelizmente, o telegrama do Ccomando do Corpo Português para Lisboa, não foi de molde a contrariar o comunicado britânico, desejoso de salvar a honra das Divisões 40 e 55 que os comunicados alemães tinham comprometido (1).

**E é isto que é preciso rebater; e esta suspeita que é indispensável repellar.**

A 2.ª Divisão Portuguesa com os seus 7.500 homens perdidos (2) dos quaes 327 officaes, demonstrou a evidencia **que se bateu com bravura e com honra**, e que se mais não fez, foi porque era humanamente impossível (3).

Comparando o sentir dos dois Generaes, vê-se que no fundo nenhum deles conseguiu bem o que queria.

O General alemão não se deu por satisfeito com os resultados obtidos em todo o dia 9 de Abril embora tudo fôsse correndo normalmente durante as primeiras horas da madrugada desse dia!

Por sua vez o General Português também se queixa de que não teve reservas bastantes á sua disposição, embora nas primeiras horas da madrugada achasse *normais* os bombardeamentos. Esta apreciação do General Português, define bem quanto tinham calejado a sensibilidade dos portuguezes, os fortes e violentos bombardeamentos do mês de Março. Não foi só o

---

(1) E' natural que os alemães tentassem como é sempre de *boa politica* envenenar o espirito de camaradagem entre portuguezes e ingleses. Se tal não fizessem é que seria motivo de censura.

(2) Mortos, feridos e prisioneiros.

(3) Como o proprio General Gomes da Costa o diz, o telegrama do comando do corpo português para Lisboa não foi de molde a destruir qualquer suspeita menos honrosa para o brio do exercito português, que a insistencia de Douglas Haigs nos louvores repetidos á 55.ª divisão pudesse deixar; portanto queixemo nos dos portuguezes e não dos ingleses.



General de Divisão, que achou *normais* os primeiros bombardeamentos da madrugada; as tropas nas linhas também os acharam *normais* enquanto não viram assomar aos parapeitos a infantaria alemã!

O que se conclue, é que enquanto se tratou de bombardeamentos, tudo correu menos mal para os desejos dos dois Generais. Quando porém se tratou de atacar e defender o terreno que alemães disputavam e portugueses defendiam, é que a cousa não correu ao sabor de nenhum dos Generaes.

O alemão ficou descontente por ter só avançado 8 kilometros em profundidade. O português manifestou também o seu desagrado porque lhe faltou gente de reserva, com que pudesse pelo menos reduzir tal avanço.

Isto é, ficaram ambos descontentes. O difícil era ficarem ambos satisfeitos. O melhor seria ter-se dado por satisfeito só o Português, o peor seria ter ficado satisfeito apenas o Alemão. Ora como este último facto não se deu, parece que o 9 de Abril não foi um desastre, nem para nós portugueses que não cedemos tudo quanto os alemães queriam, nem para eles que alguma cousa conseguiram.

Analizando os *desabafos* dos dois Generaes, vê-se que ás 8 da manhã de 9, o inimigo rompe com um assalto da sua infantaria, mas que desde 8 o Coronel Alemão Bruchmuller, especialista em bater bifos de carne humana, com artilheria de todos os calibres, varejou desalmadamente a frente, que ia ser objecto de um ataque.

Este ataque foi organizado como o de 21 de Março na batalha a que os alemães chamaram «a batalha da França!» Esse ataque foi efectuado como dissemos, contra as tropas do V. Exército Britânico, que ligavam no «front» com as tropas francesas (1).

---

(1) Essas tropas foram depois de 21 de Março colocadas á nossa esquerda a titulo de guarnecerem um sector mais *calmo*. Chega o dia 9 de abril e cessa a *calma* de que gosaram até esse dia. Esse V exercito era... um *para-raios* autentico.



Vamos comparar o ataque de 21 de Março com o de 9 de Abril, notando-se que o ataque iniciado em 21 de Março foi uma operação de maior amplitude do que o efectuado em 9 de Abril.

O primeiro tinha como objectivo a posse de Amiens e do nó de comunicações que aí existia ligando por assim dizer o exército inglês na frente, com o exército francês também da frente. Caíndo este nó de comunicações nas mãos dos alemães a frente do exército inglês ficava praticamente separada do francês e seria necessário restabelecer as comunicações, muito mais á retaguarda.

O ataque de 9 de Abril era o complemento da operação anterior pois que forçando os alemães o exército inglês no centro, esta operação abria-lhes o caminho de Calais e Boulogne; ambas as operações entregariam o norte da França e talvez até Paris ao inimigo. Estas eram pelo menos as contas que Ludendorff deitava á sua vida. Que as cousas para os aliados, boas, boas não estiveram, isso é um facto; mas que também o homem põe e Deus dispõe, isso também é verdade e nesta série de offensivas de Ludendorff, o Deus dos aliados foram as reservas americanas e os *santos* a que se pediu auxilio foram Foch, Pétain e Gastelnau, *Gouraud, Mangin etc.*

Ludendorff também tinha varios *santos*, mas faltou-lhe a ajuda do Deus *dele*, que seriam neste caso as reservas; de modo que o *milagre* coube aos aliados e Ludendorff foi parar aos infernos dos generaes, que perdem as guerras ou que não recolhem a victoria final.

No entanto, apesar de serem os dois ataques (21 de Março e 9 de abril) duas operações de objectivo tactico diferente — ambas elas sob o ponto de vista de operações restringidas a campos de batalha, foram perfeitamente identicas, e senão vejamos.

Em 21 de Março dispõe Ludendorff de 3 exercitos; o 17.º Exercito (norte e direita), e o 18.º Exercito (sul e esquerda) e o 2.º Exercito (centro).



Quem faz o ataque principal é o 2.º Exército, os outros dois exercitos são empenhados em ataques complementares do ataque no centro, por isso que são encarregados apenas de aliviar os flancos dos efectivos, que vão atacar de frente.

Assim Ludendorff quando fala da acção do 17.º Exército diz: — «O ataque do 17.º Exército em face do qual se encontrava a mais forte posição, não alcançou senão a 2.ª trincheira inimiga» — isto é não alcançou terreno aliado alem da *B. Line*; em 9 de Abril o mesmo succedeu com as tropas alemãs que atacaram a 55.ª Divisão Inglesa, facto que Ludendorff refere quando cita os resultados do ataque dizendo «*na nossa esquerda estavamos parados em frente de Festubert e Givenchy*». —

Qual então a causa desta paragem?

Foi identica á paragem do 17.º Exército em 21 de Março.

A posição em volta e á frente de Bethune, era sufficientemente forte para resistir a um ataque de flanco e apenas de objectivo secundario; essa posição era mesmo a mais forte, na frente reservada ao ataque do dia 9 de Abril.

Cedeu é certo a 55.ª Divisão na sua extrema esquerda, mas nesse ponto em que cedeu, era a ligação com a *planicie*, onde estavam os portuguezes e qualquer tropa nas mesmas condições, formava colchete defensivo para não ser envolvida, procurando assim demorar o avanço de frente do inimigo, batendo-o de flanco.

Quanto ao 18.º Exército, sobre a sua acção em 21 de Março diz Ludendorff — «No 18.º Exército, tudo se passou, conforme tinha sido previsto e planeado. As suas tropas progrediam com vantagens manifestas» —.

Pois em 9 de Abril tambem se dá a mesma causa quando Ludendorff diz; — «*á tarde estavamos progredindo na direcção de Armentières e aproximava-nos da Ribeira de Lawe*».



A 40.º Divisão Inglesa defendia Armentières, numa Planicie igual á nossa, daí o facto da sua brigada 164 não ter podido resistir á *sapatada* que recebeu na manhã de 9 de Abril.

De resto esta brigada ainda sofreu parte do ataque de frente.

Estou mesmo convencido que o seu *colchete defensivo* foi formado um pouco ao largo de nós porque o sector de Fleurbaix que era o sector á nossa esquerda, era um *alquidar* como o eram os nossos tres sectores e perante um ataque de subito e a fundo só havia uma *tactica* a seguir, que era resistir emquanto pudessem e *arrear* logo que não pudessem e foi o que succedeu á 40.ª Divisão Inglesa e á 2.ª Divisão Portuguesa.

Que a ninguem fique duvidas sobre o destino que uma Divisão Francesa, Inglesa ou Americana teria no dia 9 de Abril se estivesse onde esteve a 2.ª Divisão Portuguesa. Quem lá estivesse seria *esmagado, atropelado e... varrido*.

E tanto assim é que em 21 de Março ha o seguinte, contado por Ludendorff, quando se refere á acção do 2.º Exercito no ataque ao centro do inimigo — «a infantaria do 2.º Exercito penetrou até ás segundas posições á rectaguarda das linhas da frente».

Isto quer dizer que *varreu* toda a infantaria inglesa que estava na frente, que igualmente *atropelou* toda a artilheria de campanha que protegia essa infantaria, bem como devia ter *comido, trincado e lambido* alguma artilheria pesada, comandos, quarteis generaes e o resto que por lá encontrou!

Pois em 9 de Abril a infantaria alemã pelas 10 e meia da manhã tinha alcançado as posições da *Village line* (1) e só ás 11 e meia tinha praticamente *lambido* o que por lá encontrou ainda da Divisão Portuguesa.

---

(1) A linha de reductos á rectaguarda de toda a infantaria em primeiras linhas.



De 9 até ao meio dia de 10, esteve a *mascar* portugueses no reduto de Lacouture, que só se rendeu a essa hora e até 11 ao meio dia ainda recebeu *no canal de La Bassée o fogo de infantaria portugüesa*.

De então em diante foi-se Ludendorff entretendo com os antigos *inquilinos* do «front» que, diga-se de passagem, não tiveram mãos a medir até 18 de Julho.

Já dissemos que os ingleses perderam em 11 de Abril a cidade de Armentières e que á luta encetada em 9 de Abril chamaram Ingleses e Alemães, *a batalha de Armentières*. Pois o cidadão *patriota* em Portugal, pela bôca da sua imprensa *aprendeu* a chamar-lhe o *desastre de 9 de Abril!!!*

A agencia «Reuter» *germanofila dos pés á cabeça*, refere em 10 de Abril a resistêcia que os portugüeses opuseram ao avanço dos alemães e elogia a bravura com que se bateram apesar de terem perdido os apoios dos flancos, mas o cidadão portugüês é que *não vae na fita* e chama-lhe o *desastre de 9 de Abril!!!*

O «Times» e o «Daily Mail», jornaes ingleses, em 11 e 12 prestam a mais sentida homenagem á bravura e sacrificio com que se bateram as quatro Brigadas Portugüesas, mas o cidadão portugüês é que *não vae no jogo* e insiste em chamar-lhe o *desastre de 9 de Abril!!!*

O «Matin» e o *Telegrame* de 10 e 11 referem-se ao valor dos portugüeses que se bateram na Flandres no dia 9, 10 e 11 de Abril, como se se referissem ao valor provado dos seus compatriotas, mas o cidadão portugüês é que *não vae atraz do choro...* e continua a chamar-lhe o *desastre de 9 de Abril!!!*

Até o próprio telegrama do Comando do Corpo Portugüês para Lisbôa, no dizer do General Gomes da Costa, não salvava a honra da 2.<sup>a</sup> Divisão Portugüesa como Sir Douglas Haig salvou a honra das suas duas Divisões Britanicas (a 40 e a 55).

Ora cebo! Para o cidadão portugüês e para o *resto*, que nem vale a pena referir!



Mas então que situação resta agora aos mortos, feridos e sobreviventes da *Batalha do Lys*?

Os mortos farão... *mais um pequeno sacrificio*, que é pedirem lá do outro mundo, inumeras e constantes desculpas, ao cidadão português, por não terem sido dotados em vida, de um couro suficientemente rijo e duro, para resistirem indemnes á caqueirada de ferro, que o coronel alemão Bruchmuler lhes mandou atirar para cima não só nesse dia, mas ainda desde as 8,30 minutos da noite, da vespera.

Realmente foi para êles um acto *censuravel*, deixarem-se ir dêste mundo tão *precipitadamente* e não se terem resolvido a ficar vivos no logar em que morreram, mais umas 24 horas *pelo menos*, para se poderem opôr *eficazmente* ao avanço dos alemães.

Os mutilados... esses também de chapeu na mão (se tiverem pelo menos um braço) e ares compungidos, pedirão perdão a todo o cidadão português (que lá não esteve), por não lhes ter sido possível morrer, *logo ali*, dos ferimentos recebidos, mas... a culpa foi dos maqueiros e dos medicos das ambulâncias, portuguesas, inglesas e alemãs que os não deixaram morrer. Perdoará ao menos o cidadão português esta *cumplicidade* dos maqueiros e dos medicos? Não sabemos! O cidadão português quando lhe dá para ser *exigente*, não é... para brincadeiras!

Quanto aos que foram aprisionados, êsses, pedirão, ao cidadão português desculpas sem fim, por não terem fugido logo de manhã e terem se deixado ficar nos seus postos até se lhes acabarem as munições.

E os que estiveram na batalha até os mandarem retirar e por conseguinte não foram mortos, nem feridos e nem prisioneiros?

Esses pedirão de rojos e com os olhos cheios de lagrimas, mil perdões por lhes ter sido *impossivel* deixarem-se matar, ferir ou prender.

Resta ainda um ou outro que fugiu e se escapuliu la batalha espavorido e esquecendo os seus mais altos deveres militares.



Esses... irão para a colecção de alguns *colegas* francêses, ingleses, alemães etc., que sempre houve em todos os tempos e em toda a parte, restando-lhes no entanto (a êsses que por acaso se tiverem escapulado) a certeza de que muitos dos que os criticam seriam capazes de fazer a mesma cousa, ou peor, *em idênticas circumstâncias*.

Que felizmente houve muitos sem *amôr ao pelo*, sabemos-lo nós pelo General Ludendorff, quando êste, referindo-se aos resultados da batalha durante o dia 9 de Abril, diz:—No entanto os resultados obtidos não eram de molde a satisfazer».

O cidadão portuguez tambem não se deu por satisfeito e tanto assim que desatou a chamar com ares superiores á «Batalha do Lys», *o desastre de 9 de Abril!*

Isto é, nem o cidadão portuguez, nem General Ludendorff se dão por satisfeitos com os sucessos de 9 de Abril de 1918.

Ha-de ser muito difficil conciliar êstes dois modos de vêr. E no entanto êste Ludendorff é no meio de tudo isto, o melhor *padrinho* dos portuguezes, que se bateram em 9 de Abril na planicie de Sur-Iá-Lys.

Depois dêle, como *madrinha* de algum valor, ainda temos a agencia telegráfica alemã da «Reuter» e varios amigos como o foram alguns jornais ingleses e franceses, que nos fizeram a justiça devida e merecida. Com o cidadão portuguez é que não ha nada que fazer. *Foi um desastre e desastre ficou sendo.*

A Pátria Portuguesa, para outra guerra de que os portuguezes partilhem, escolherá *melhores* portuguezes e dos mais duros de pele e osso, (os ossos serão de chifre e a pele de borracha endurecida), para resistirem, mais *eficazmente* aos milhares de tiros que então receberem.

A sua principal função será nessa ocasião levarem tudo deante de si, a soco, á bofetada e pontapé e no caso do inimigo tentar avançar, ficarão impassiveis perante o número dos que os atacarem.



Como hão de ser feitos de material *muito rijo*, não terão necessidade de arredar pé, nem levarão a melhor com ele os adversarios, por mais tiros, baionetadas e coronhadas que lhes atirem!

E, só nesse dia, todo o cidadão português, *que lá não estiver*, se dará por satisfeito com os esforços dos soldados do seu país!

## ☉ **ultimo esforço alemão**

(21 de Março, 9 de Abril, 27 de Maio,  
9 de Junho e 15 de Julho)

Para comparar esforços e restabelecer a justiça devida á gente portuguesa que se bateu em 9 de Abril de 1918, na «Batalha do Lys», não resistimos á tentação de analisar, rapidamente, o que se passou com os Franceses em 27 de Maio e com os Anglo-Franceses em 9 de Junho e verificar-se-ha que succedeu a mesma cousa que em 21 de Março e em 9 de Abril. Isto é, *cotovelada para a esquerda cotovelada para a direita e pontapé no centro*, tudo isto com *empurrões* á mistura ao longo de todo o «front».

Ludendorff, queria romper a *parede* que os aliados lhe levantavam na frente, e para isso juntava, o mais em segredo possível, gente em determinados pontos do «front» e num dado dia ordenava que se fizessem á picareta duas fendas nesse muro a uma certa distancia uma da outra. Ao mesmo tempo uma maior porção de gente empurrava o troço do muro, entre as duas fendas e este caía sempre desamparado esmagando por vezes grande numero de assaltantes de mistura com os defensores.

Então os aliados acudiam de toda a parte, a formar mais atraz e na frente do *buraco escancarado*, outra muralha humana, que levava muitos dias a ligar com a que tinha escapado á picareta e aos encontrões de Ludendorff.

Assim foi em 21 de Março, em 9 de Abril, em 27



de Maio, em 9 de Junho e em 15 de Julho. Tambem assim devia ser 18 de Julho, outra vez na Flandres.

Porém, quando em 15 de Julho, Ludendorff repete as façanhas anteriores, não o fez ou não conseguiu fazê-las com o segredo das acções anteriores e o dia e hora do ataque eram precisamente conhecidos de Foch. Então este não hesita e abandonando o muro previamente, arranja mais atraz outro mais forte e bem apoiado, onde Ludendorff se vem estatelar em 18 de Julho, depois de ter levado os dias 15, 16 e 17 a avançar, dando socos no ar e tendo apenas que vencer as cortinas de artilheria com que Foch lhe foi embaraçando o avanço e esmigalhando milhares de soldados.

Ludendorff pára um pouco desorientado, procura agarrar-se ao terreno que já tinha conquistado, mas chega a vez de Foch começar a fazer ao *muro alemão* o mesmo que lhe tinham feito até ahi.

Nessa altura a Ludendorff faltou-lhe gente para reconstituir os muros necessarios á retaguarda das brechas abertas por Foch e então a Alemanha perdendo a guerra, desistiu de continuar a lucta e fez-se o Armisticio.

Não tenho a pretensão de possuir a originalidade pitoresca desta maneira de apreciar tactica. Esta maneira de apresentar factos pertence a um distinto official do estado Maior Francês (1).

Retomando pois o fio da nossa narrativa voltamos a 27 de Maio.

Nessa data foi ainda o nosso conhecido coronel Bruchmuler, quem dirigiu o emprego da artilheria alemã.

Ao sul encarregaram-se da respectiva *cotovelada* em frente a Reims, parte da ala esquerda do 7.º Exér-

---

(1) Faço a declaração, porque quando se trata de cousas francesas tudo é permitido e até aplaudido entre portuguezes ; quando porém o portuguez tem a pouca *sorte* de falar, escrever ou praticar como os franceses entre portuguezes, ha um encolher d'ombros em geral.



cito e a ala direita do 1.º Exército e conseguem empurrar aí os franceses facilitando ou antes aliviando o avanço do grosso do 7.º Exército que foi quem fez o ataque de frente. Parte da ala direita do mesmo 7.º Exército dá a outra *cotovelada* ao norte em frente a Soissons e ahí conseguiram também empurrar os franceses deixando dêsse lado aliviado o caminho ao grosso do 7.º Exército que, como acima dissemos, fez o ataque principal no centro.

O avanço dos alemães no centro, durante o dia 27, foi de 20 *kilometros*.

Em 9 de Abril á tarde, o avanço alemão no centro era apenas de 8 *kilometros*. E' o proprio Ludendorff quem mostra estes números nos mapas publicados nos seus «*Souvenirs de Guerre*»,

Em 9 de Junho, entre Montdidier e Noyon, é o 18.º Exército que dá as duas *cotoveladas* para os lados e dá também o ataque ao centro.

Que o seu *pontapé* ao centro foi formidavel demonstra-o o recuo de 15 *kilometros* feito pelos anglo-franceses diante do 18.º Exercito. Nesta altura Amiens estava cada vez mais ameaçada de cair nas mãos dos alemães. Já vimos a importância que tal perda tinha para os aliados.

E' preciso não esquecer que o 6.º Exercito que atacou a frente Armentières — La Bassée em 9 de Abril apenas conseguiu um maximo de avanço, nesse dia, de 8 *kilometros* e que a força do ataque afrouxou depois do meio dia.

Ludendorff queixa-se nas suas memórias de ninhos de metralhadoras, mau terreno cheio de buracos e de escaninhos, estradas com cortaduras mal orientadas, etc., etc.

Havemos de confessar que este Ludendorff é um tanto exigente debaixo desse ponto de vista, porque se ninguem estivesse a guardar esses buracos, esses escaninhos e essas estradas a coisa tinha decerto corrido muito melhor, para os alemães, incomparavelmente.



Já quando se trata do ataque de 27 de Maio entre Soissons e Reims, o general Ludendorff, a pag. 250 diz traduzindo uma certa satisfação.

«A nossa tática tinha dado optimos resultados debaixo de todos os pontos de vista.

Mais uma vez a nossa gente ficou com a convicção de que eramos os mais fortes. A tática alemã dava as suas melhores provas sob todos os aspectos, as nossas perdas foram inferiores em relação ás perdas do inimigo».

No dia 9 de Abril dos 721 officiaes e 20.359 homens das forças portuguezas atacadas, Ludendorff apenas conseguiu lançar mão de 327 officiaes e de 7.500 homens entre mortos, feridos e prisioneiros.

Quanto se refere a esse ataque não refere nem sequer fala na gente que perdeu, e nem ao menos *faz comparações*.

Os Alemães na manhã de 9 de Abril perderam muita gente. A Divisão Portuguesa rendeu-se e abandonou o terreno aos alemães depois de esgotar por assim dizer <sup>(1)</sup> as munições.

Em 21 de Março, diz Ludendorff que aprisionou 90.000 Ingleses *ilesos*. Em 27 de Maio diz êle que as suas perdas comparadas com as dos francêses, são minimas!

Que diz a isto o cidadão português?

Ora! o que ha-de dizer!

Que o 9 de Abril *foi um desastre*.

Em 21 de Março, avança Ludendorff em 14 dias, 60 kilometros.

Em 27 de Maio avança em 3 dias, 40 kilometros.

Em 9 de Abril apenas avançou 8 kilometros nesse dia e nesse ponto pouco mais pode fazer, o que demonstra que a resistencia do muro portugnês sempre deu algum tempo para se construir a tempo outro muro inglês á sua rectaguarda.

---

(1) Esta referencia cercada da *um por assim dizer* representa a afirmação de que algumas poucas munições que caíram das mãos dos alemães não representavam elementos de valor para os repletir eficazmente.



Que diz a isto o cidadão português?

Não diz nada e encolhe os hombros com ares de quem não acredita nas *intrujices* do general alemão.

Pois como o cidadão português continua *entrincheirado* nos seus ares desdenhosos, nós vamos dizer mais alguma cousa.

Ludendorff a proposito do ataque de 27 de Maio contra os francezes, diz :

«Em resumo a opinião publica era-nos favoravel.

O Grupo de Exercitos do Crown Principe alemão tinha-nos conseguido com o seu ataque uma grande victoria tatica.

Referindo-se ao ataque de 21 de Março contra os Ingêleses, diz, como já vimos :

«A batalha terminou em 4 de Abril, representando um alto feito de armas e a história registrará esse facto.

Resumindo ; para o general Ludendorff o ataque de 21 de Março representa *um alto feito de armas*, e o ataque de 27 de Maio (Chemins des Dames) representa *uma grande victoria tactica*.

E ao referir-se a *9 de Abril* não se dá por satisfeito !

O cidadão português não acha que Ludendorff se mostra *exigente* quando aprecia o *9 de Abril* ?

Ele que atacou com 17 Divisões a frente de Armentières a Bethume e só para o ataque de frente feito contra os portuguezes destina 8 Divisões, é porque com *alguma cousa* contava pela frente.

A nós pelo menos parece-nos isso.

Mas o cidadão português é muito *esperto*, muito *desconfiado*, muito *astuto*, e não vai *com essas* !

O *9 de Abril* continúa a ser um desastre !

Portanto não temos remedio, senão dizer mais alguma cousa, sobre o 9 de Junho.

O cidadão português será mais inteligente do que eu, mas mais teimoso *é que nao é* !

O 9 de Junho foi a quarta *martelada* do general Ludendorff contra os aliados.



Descorrendo sobre esta data, concluindo diz:

«O nosso ataque desta vez era esperado; apesar de tudo a nossa infantaria atravessou todo o sistema de posições inimigas e ultrapassou-as.»

.....  
«Desde 11, o inimigo lança fortes contra-ataques, sobretudo na nossa ala direita pelas alturas de Mery, obtendo algumas vantagens no terreno. Estes contra-ataques prolongam-se durante 12 e 13 sem vantagens.

A enorme concentração de tropas inimigas que estes contra-ataques tinham acumulada, levou o Alto Comando Alemão a fazer parar o ataque do 18.º Exército desde 11, a fim de evitar uma inútil perda de vidas».

Vê-se, pois, que apesar de estarem *prevenidos* e esperarem o ataque de 9 de Junho, as tropas do Comando do Marechal Foch, recuaram no centro ao primeiro embate, 15 kilometros e que o Marechal Foch não gostou da brincadeira vê-se, pois que desde 11 contra-atacou com tal furia que Ludendorff entendeu ser de boa doutrina não insistir em avançar. Ainda assim lá se oram para os alemães mais esses 15 kilometros em dois dias!

Nós portuguezes, um contra oito e sem reservas se pode dizer, recuámos até ao meio dia 8 kilometros!

Realmente o cidadão português tem razão.

Aos soldados de Portugal na Flandres, para cumprirem o seu dever, competia recuarem apenas... um milimetro quando muito!

Mas o que diz do *9 de Abril* o General Português Tamagnini de Abreu, Comandante do C. E. P.?

Até agora não disse nada, nem dirá nunca, porque as massadas estão proibidas e Sua Excelencia não ganha nada com isso.

Os tempos vão muito *asperos* e bem tólo é quem se rala... a tranquilidade do espirito... é apanagio da bemaventurança... por isso o cidadão português não se rala tambem e chama á luta desesperada dos soldados de Portugal na batalha do Lys — DESASTRE DE 9 DE ABRIL.



## A Cruz de Guerra Portuguesa

O cidadão português se vê uma Cruz de Guerra Portuguesa ao peito de um oficial, de um sargento ou de um soldado ri-se desdenhosamente e á sucapa vae dizendo aos seus amigos, piscando o olho com ares saloios :

*Aquilo!... É fita!...*

Não ha duvida que é uma fita com um bocado de bronze pendurado !

Mas o que esse pedaço de bronze simbolisa não o sabem 99 % dos cidadãos portugueses !

Esse pedaço de bronze tem a forma de uma cruz, como de resto a têm a Cruz de Guerra Francesa, a Military Cross Inglesa (1) a Cruz de Ferro Alemã, etc.

Perêm, para nós Portugueses a forma da nossa Cruz de Guerra representa as mais sagradas tradições da nossa nacionalidade.

Foi á sombra dessa Cruz, que Afonso Henriques talhou a Nação Portuguesa.

Antes dele, no tempo do conde D. Henrique e depois dele até D. Dinis, não houve em terras de Portugal, golpe de espada, lançada ou cutilada, que os portugueses não dessem, tendo essa cruz por testemunha.

A nossa Cruz de Guerra é a Cruz da Ordem dos Templarios ! Quando o Rei Afonso VI de Espanha entregou a D. Henrique o condado de Portugal e lhe deu a mão de sua filha D. Teresa, apareceram tambem ao lado da infanta de Portugal um grupo de homens que se vinham batendo em terras de Espanha desde data anterior a 1021 contra os mouros. Essa pleiade de bravos que se bateram tanto por fé religiosa como pela temeridade incontestada, foram mais tarde os me-

---

(1) Cruz de Guerra Inglesa. Não confundir com a *Victoria Cross* que é equivalente á nossa Torre Espada.



lhores cooperadores do seu filho D. Afonso Henriques.

Essa gente que muitas vezes resou as suas melhores preces ao altissimo, dando cutiladas formidaveis de cima dos seus ginetes de guerra, eram os Templarios.

Em 1306 foi extinta essa Ordem de Cavalaria pelo Papa Clemente V.

As causas da extinção foram os abusos e a immoralidade dos Templarios em França.

Os de Hespanha e de Portugal embora isentos de culpa foram arrastados pela extinção geral da Ordem.

No entanto Portugal em 1319 pela pessoa do Rei D. Diniz, reage contra extinção e confiscação de bens criando a Ordem de Cristo e entregando a essa ordem todos os bens dos Templarios bem como entregando tambem a estes a continuação das suas honrosas tradições mas á sombra já da outra cruz, a de Cristo, que para nós, Portuguezes foi alguns seculos depois o Symbolo dos descobertos atravez dos Mares o symbolo dos mais altos serviços prestados á Pátria e á Humanidade Alguns nomes bem portuguezes, figuram na lista dos Grão-Mestres da Ordem dos Templarios, que em Portugal foram 28,

Em 1169 estando D. Afonso Henriques nas Caldas de Laffões (S. Pedro do Sul) doou aos templarios *a terça parte de tudo quanto conquistassem aos mouros, no Alem Tejo, sob a condição de gastarem em serviço do rei, todos os rendimentos, em quanto durasse a guerra.*

Como é sabido Afonso Henriques frequentava essas aguas para se curar dos varios achaques e *amolgadelas* que sofreu durante a sua vida de rei nos campos de batalha contra os mouros. Como se vê o famoso rei de Portugal ao doar aos templarios uma terça parte dos terrenos Além-Tejo não dava cousa que possuisse.

Antes esperava arranjar para si dois terços do *trabalho* alheio e ainda a despesa corria por conta dos Templarios !



Pois toda essa enorme e longa epopeia de estocadas, golpes e correrias está representada hoje por um símbolo bem insignificante, na aparência. É a Cruz de Guerra Portuguesa; que hoje constitue a tradição mais antiga das nossas ordens de cavalaria.

As medalhas de Cristo, Avis, Santiago e Torre Espada são hoje símbolos mais vistosos mas de menos tradições historicas do que o é a nossa Cruz da Guerra.

Eis o que o cidadão Português precisa saber, porque em França não ha nenhuma creatura do paiz que não saiba do principio a fim, o que representa a sua Legião de Honra. Em Portugal os prémios desta natureza são conferidos, conforme a natureza dos serviços ou meritos dos agraciados. Em França a Legião de Honra representa o prémio de todos os serviços á Pátria e nem por isso o Francês tem menos consideração pela sua Legião de Honra que se muitas vezes representa o prémio do Valor Lealdade e Merito, (1) outras vezes representa serviços prestados á Pátria e á Humanidade (2) outras vezes representa longos bons e reconhecidos serviços no Exército (3) e outras vezes representa Merito literário, artistico ou científico (4).

Entre nós o cidadão português *disfruta* o uso das medalhas portuguesas.

Porquê? Acha demais? Pergunte a um francês se acha demais o número dos seus compatriotas agraciados com a Legião de Honra?

O curioso porém é que se o cidadão português vir uma Cruz de Guerra Francêsa ao peito de um francês, não só cae de cocoras, mas ainda é capaz de dizer de boca aberta, a quem o quer ouvir:

*Aquela sim! Aquela é outra louça.*

---

(1) Torre da Espada entre nós.

(2) Cristo entre nós.

(3) Avis entre nós.

(4) S. Tiago da Espada.



Pois o cidadão portuguez que proceder assim mostra que é... pelo menos parvo e muito.

O regulamento da Cruz de Guerra Portuguesa e decalcado, sobre o regulamento da *Cruz de Guerra Francêsa*, e este é por sua vez decalcado sobre o regulamento da *Cruz de Ferro Alemã*.

O regulamento da *Military Cross Inglesa* é identico aos precedentes.

Em França, na Inglaterra e na Alemanha, nestes tres paizes pelo menos, estas *fitas*, *pendorucalhos* ou *porcarias de medalhas* (como lhe chama o cidadão portuguez) representam *sempre* a consagração e o simbolo patente do último dos sacrificios pela Pátria.

A primeira ideia que tais distintivos sugerem é a da bravura e do sacrificio nos campos de batalha ou a de serviços relevantes prestados á causa da Pátria, da Humanidade, da História e da Siencia.

Para o cidadão portuguez (que os não possue) acha que esses modestos e inofensivos distintivos, que só representam valores morais são sempre *uma burla* ou uma *pretensão ridicula!* e só com dificuldade é que o cidadão portuguez se convence de que *aquilo*, é alguma cousa, concluindo no entanto por perguntar ás vezes na mais desdenhosa e insolente attitude: «*Mas então... aquilo... para que serve?*»

Um povo não póde descer a maior abjecção, nem mais baixo, do que quando desdenha estupidamente o culto das suas tradições honrosas.

O cidadão portuguez está nesses casos, porque por todos os meios procura afastar de si as paginas mais fortes da historia do seu país.

Fal-o por inveja pessoal, por orgulho mesquinho, por ignorância, por estupidez saloia ou por falta absoluta de brio?

Fal-o por um pouco de cada uma dessas cousas e á força de reagir contra o culto da honra, do brio e dos seus pergaminhos, acaba por se esquecer do que a si proprio deve, e nesse arrastar de sentimentos



mesquinhos acaba por descer á triste categoria de... animal.

Os soldados de Portugal, que estiveram na Flandres e sobretudo os sobreviventes da «BATALHA DO LYS», que no dia 9 de Abril de 1918, se bateram ao lado de duas Divisões Britânicas, cedendo aos soldados do Império Alemão, apenas 8 kilómetros de terreno em 8 longas horas, debaixo de uma chuva de ferro e fogo, choram em silêncio lagrimas sentidas. E nesse choro que lhes escalda as faces contraídas, só já lamentam uma unica cousa!

E' terem nascido em Portugal! Porque se tivessem nascido em qualquer outro país não teriam sido, (pelo menos, alcunhados de comparsas e cúmplices de um desastre! Num país dos que não entraram na guerra não sentiria a indiferença e desconfiança insolente, miseravel e caluniosa, dos seus concidadãos.

Em qualquer dos países que se bateu nesta guerra, vencido ou vencedor, sentiria que era duas vezes cidadão: primeiro porque tinha uma bandeira que representava para todos, compatriotas e estranhos, um símbolo de tradições honrosas, *alimentado a todos instantes pela massa da população do seu país*: segundo, porque os seus compatriotas se sentiram honrados por Eles e pelo Seu Esforço Particular e Pessoal no campo aberto aos maiores sacrificios, á luta contra os maiores perigos, á chacina diaria sem restricções em resumo ao último dos sacrificios humanos o da vida!

Em Portugal todos os politicos, (sem excepção alguma, discutiram muito o 9 de Abril, mas todos eles não procuravam sinceramente salvar a honra da Nação.

Toda essa *miseria moral* nada mais foi do que uma discussão de interesses partidarios e pessoas!

Acima de toda essa *lama* ha uma volumosa afirmação a proclamar bem alto a todos eles!

Os soldados de Portugal que estiveram na Flandres, estavam no dia 9 de Abril de 1918 nas planicies de La



*Lys só por uma unica rasão. PORQUE TINHAM NASCIDO EM PORTUGAL!* E esse facto, que devia honrar, que devia lisongear, que devia preocupar o cidadão português (que lá não esteve), é apenas motivo de calunias e de motejos grosseiros...

Pois é necessário que todos se convençam de que os mais famosos políticos de Portugal, durante a grande guerra, estão muitos furos abaixo do mais modesto dos nossos soldados da Batalha do Lys e é por isso que o 9 de Abril não pertence, nunca pertenceu nem pertencerá a políticos. Que a sensibilidade moral dos políticos portugueses se não moleste com estaa afirmativa, porque Clemenceau não hesitará nunca em afirmar que se considera abaixo de um soldado francês que tenha entrado em qualquer das batalhas do Marne. No dia em que Joffre defendeu a França na 1.<sup>a</sup> batalha do Marne e no dia em que Foch derrotou a Alemanha na 2.<sup>a</sup> batalha do Marne, os primeiros cidadãos da França eram os soldados que lá se batiam, uns recuando, outros avançando.

Nesses dias toda a população da França era... nada.

Durante o 2.<sup>o</sup> cerco de Diu, D. João de Castro mandava dizer a D. João de Mascarenhas, comandante daquela Fortalesa que emquanto durasse o cerco, mais valor e qualidade tinha o mais fraco dos defensores de Diu, do que o Vice-Rei da India!

A gentileza foi sempre e ainda hoje é a grande arte dos Franceses.

Em tempos idos, também a gentileza foi a grande arte do Portugal Maior.

*O que hoje ha, é só o que dantes era considerado desprezível e imundo.*

Mas o Portugal Maior desapareceu em 1580, afundou-se em Alcacer Kibir onde se morreu é certo, mas *devagar e com honra!*

Ludendorff no dia 9 de Abril de 1918 não atacou os políticos portugueses.

Ludendorff nesse dia atacou só os soldados de Por-



tugal que encontrou pela frente e deixou em paz todos os nossos politicos.

Os soldados de Portugal que estiveram na Flandres, estavam no dia 9 de Abril de 1918 nas planicies de Sur-La Lys, repito, *por uma unica razão.*

Porque tinham nascido em terra portuguesa!

E esse facto que devia honrar, que devia lisonjear, que devia preocupar o cidadão português, (que lá não esteve) é apenas o motivo de calunias e de motejos grosseiros...

Esses homens bateram-se fóra do seu país, porque eram Portugueses, e só por isso lá os mandaram ir.

Bateram-se ao lado de ingleses horas seguidas e por fim repelem-nos por inuteis, alcunhando de DESASTRE os mais aturados esforços de Gente, que defendeu o que era dos outros, mais por Honra Propria do que por saber que *havia interesses especiais a a guardar ou a defender.* E depois de tudo isto, gente, que enquanto durou essa luta tremenda, teve a sorte e oportunidade de se guardar do frio, da neve, da lama, do ferro e do fogo, chama-lhes DESASTRADOS e ri-se da sua *ingenuidade* e do seu valôr, que põe sempre em duvida!

*E' demais! Basta!*

Porque com mais alguns anos de tal programa o cidadão português chegará a ser uma triste alimaria, levado pela arreata ao sabor de qualquer aventureiro, que se lembre de lhe aproveitar o dorso largo e flexivel... para besta de carga!

O cidadão português que de tudo se ri e de tudo *chucha* e de todos desdenha, não chega a *capelo e borla* em sciencia alguma, pelo contrario, entrega-se a um abandono consciente e premeditado, que o leva á descrença, e daí á... *albarda*, vae um passo.



## O sangue português que correu na Flandres

Embora estas linhas tenham apenas como objectivo único o comentar factos que se relacionem com a «batalha do Lys» eu não posso nem devo deixar de chamar a atenção do cidadão português para um facto. E é êle o seguinte: as perdas de vida em combate na Flandres desde a entrada das tropas portuguezas na frente (1) até á vespera de 9 de abril, representam um quantitativo igual a três vezes as perdas em vidas no dia da batalha.

E' esse o valôr do sangue que corria dia a dia ao serviço do cidadão português, que mostra de vez em quando certo desdem pelo valôr dos seus compatriotas.

Não *vale a pena* também referir mais de 7 mil homens que regressaram a Portugal incapazes do serviço militar, nem mais de 200 considerados desaparecidos, o que neste caso é sinonimo de mortos, nem em 450 mutilados registados e conhecidos por terem entrado no Instituto de Arroios. Também *não valerá a pena* referir 23 cegos, dos quaes 2 de ambos os olhos e que, a meu vêr, podem ser considerados dois cadáveres confiados á guarda dos vivos, que se queiram ocupar deles.

Desde 10 de Abril de 1918 até ao armistício, ainda a perda em vidas foi igual á perda em vidas do dia 9 de Abril. O número de viúvas está avaliado em perto de 400 e o número de orfãos em perto de 600!

Mas tudo isso tem pouca importância para as satisfações *sem limite*, que é necessario dar (inutilmente) ao cidadão português.

De modo que só resta dar ao cidadão português

---

(1) Dos fins de Abril a começo de Maio de 1917.



que está descontente ou antes pouco satisfeito, um conselho.

No primeiro conflito armado em que Portugal se veja envolvido, não consinta que vá ninguém, sem que êle, o mais valoroso de todos os portuguezes, vá primeiro dar as suas melhores provas e mostrar... como é que êle quer que os outros procedam.

Só então tem força moral e autoridade para se mostrar exigente; antes disso, terá que aceitar o que os outros fizeram, como... o melhor!

Se ainda ha gente portuguesa, não é com certeza a que por sistema, desdenha e duvida do Valôr d'Aqueles seus Compatriotas a quem o ingles, o francês, o alemão e de uma maneira geral o estranho, rende louvores; e neste caso estão os soldados da Flandres, de quem o Marechal comandante em Chefe do Exército Britanico, Sir Douglas Haig, diz em 16 de Janeiro de 1918, referindo-se no seu relatório anual ás nossas tropas, terem-se mostrado *leais, bons e intrepidos soldados*.

Leaes, bons e intrepidos! Que diz a isto o cidadão portuguez? Que é um *desastre* ser isto tudo ao mesmo tempo?

Sem duvida que o é tratando-se, de mais a mais, de Portuguezes...

.....  
Emfim... os números de Ludendorff falam bem alto, contra o epiteto de *desastre* dado á «Batalha do Lys» pelos *patriotas* dêste pequeno país da Europa. E como a guerra já terminou, em nome dos Leais, Bons e Intrepidos Soldados da Flandres, agradecemos os elementos de justiça, que nos são fornecidos, contra o desdem dos portuguezes, pelo mais forte soldado da Alemanha, o General Erick Ludendorff.

Lisboa, 9 de Abril de 1923.













1416545



A BATALHA DO LYS ; A BATALHA D  
'ARMENTIERES OU 09 DE ABRIL

BIBLIO